



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA EDUARDA ABREU DE SOUZA**

**INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS CEGOS E SEUS EDUCADORES EM ESPAÇO  
ESPECIALIZADO: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DE VIGOTSKI**

**MARABÁ**

**2018**

**MARIA EDUARDA ABREU DE SOUZA**

**INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS CEGOS E SEUS EDUCADORES EM ESPAÇO  
ESPECIALIZADO: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DE VIGOTSKI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hildete Pereira dos Anjos

**MARABÁ**

**2018**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Josineide da Silva Tavares / UNIFESSPA. Marabá, PA**

---

Souza, Maria Eduarda Abreu de

Interação entre alunos cegos e seus educadores em espaço especializado: um olhar a partir de Vigotski / Maria Eduarda Abreu de Souza; orientadora, Hildete Pereira dos Anjos. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2017.

1. Cegos - Educação - Marabá-PA. 2. Professores de cegos. 3. Educação especial. 4. Professores e alunos. 5. Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934. I. Anjos, Hildete Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 371.91

---

Elaboração: Miriam Alves de Oliveira  
Bibliotecária-Documentalista CRB2/583

**MARIA EDUARDA ABREU DE SOUZA**

**INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS CEGOS E SEUS EDUCADORES EM ESPAÇO  
ESPECIALIZADO: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DE VIGOTSKI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos

**Defesa pública em 10 de Abril de 2018**

**Banca examinadora:**

**Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos (FACED/ICH/Unifesspa) – Presidente**

**Profa. Dr. José Pedro de Azevedo Martins (FACED/ICH/Unifesspa)**

**Prof. Ms. Marcelo Gaudêncio Brito Pureza (FGEO/Unifesspa)**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter me sustentado até aqui. Em segundo, e não menos importante, ao homem que desde que me entendo por gente me ensinou a ter garra, determinação e a ter acima de tudo um coração puro e aberto a novas experiências. Me ensinou a ter caráter e força de vontade para chegar ao topo sem ter que passar por cima de ninguém, esse homem chama-se José Walquiades Pereira de Souza, mais conhecido como Vavazinho, o qual eu encho a boca e o peito para chamar de meu pai. A Você meu pai todos os agradecimentos e dedicações, por todas as ligações para saber se eu já tinha acordado para ir à aula, por todas as caronas, por todos os incentivos, por acreditar que eu chegaria até aqui, eu te devo a minha vida.

Não poderia deixar de agradecer também ao meu noivo por estar comigo em todos os momentos, por estudar comigo, me ver explicar o assunto para tentar aprender, e pelo ombro amigo em todas as dificuldades que acreditei não dar conta.

À minha mãe guerreira, batalhadora, que me ensinou que o sentido da vida é lutar pelos nossos ideais e que se fosse para ser fácil não seria uma luta diária, e não sendo, a vitória não teria sabor.

A todos os meus amigos que estiveram comigo, que me ignoraram nas redes sociais para que eu pudesse focar nos estudos, muito obrigada Lais Almeida e Gabriel Vinicius. Mas não só eles, meu muito obrigada a todos os amigos e familiares que perguntaram como estava indo os estudos, que me enviaram mensagens de conforto de incentivos.

Essa vitória também é de vocês!

Por fim e tão importante quanto o início gostaria de agradecer a todos os meus professores e colegas de classe da turma de pedagogia 2013, que trilharam comigo essa caminhada, em especial a minha orientadora: Hildete P. dos Anjos, as minhas “coorientadoras” e amigas: Elayne de S. Costa, Laiane da S. Ferreira e Flavia C. de S. Andrade, bem como minhas companheiras Ivanilza de Souza, Vanderléia Torres, Juliana Cagni e todas as outras colegas que fizeram parte dessa turma.

## RESUMO

No presente trabalho tive como objetivo identificar os processos de compensação, superação de obstáculos entre outros, nas interações existentes entre alunos cegos durante as atividades do Centro Educacional Especializado (CEE). Para alcance dos objetivos propostos fiz uma pesquisa de abordagem qualitativa, utilizei como modalidade de pesquisa, o estudo de caso que visa analisar um caso isolando, mas possibilita a comparação com casos análogos a este, e como instrumentos de pesquisa utilizei uma entrevista não-diretiva com o professor responsável pela turma, e observações, que foram descritas no contra turno das mesmas. Os sujeitos desta pesquisa foram quatro alunos, o professor responsável pela turma e a pesquisadora, e o lócus foi o CEE do município de Marabá-PA. Utilizei para base teórica desta pesquisa as publicações de Mendes (2010), Pintor (2017), Nuernberg (2008), Vigotski (2011) e Vigotski (2003). Os resultados da pesquisa mostraram que as interações ocorridas no espaço são de suma importância tanto para o desenvolvimento escolar, quanto para o desenvolvimento social desses alunos, estando eles cercados de incentivos e mediações capazes de auxiliá-los no avanço do seu desenvolvimento mental.

**Palavras-chave:** Educação de cegos – compensação – zona de desenvolvimento proximal – centro educacional especializado.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AEE</b>	Atendimento Educacional Especializado.
<b>CEE</b>	Centro educacional especializado para deficiente visual.
<b>CID</b>	Classificação internacional da doença.
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>CEF</b>	Conselho Federal de Educação
<b>LIBRAS</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>ZDP</b>	Zona de Desenvolvimento Proximal
<b>NDR</b>	Nível de Desenvolvimento Real
<b>UNIFESSPA</b>	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

## Sumário

<b><u>INTRODUÇÃO .....</u></b>	<b><u>9</u></b>
<b><u>1. PERCUSSOS DA PESQUISA: .....</u></b>	<b><u>13</u></b>
<b><u>2. DO INÍCIO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL ÀS CONCEPÇÕES VIGOTSKIANAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CEGOS.....</u></b>	<b><u>16</u></b>
<b><u>3. OS CONCEITOS VIGOTSKIANOS NAS INTERAÇÕES ENTRE OS ALUNOS DO CEE.....</u></b>	<b><u>21</u></b>
3.1. ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL .....	21
3.2. COMPENSAÇÃO.....	23
3.3. SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS .....	25
<b><u>4. CONCLUSÕES .....</u></b>	<b><u>27</u></b>
<b><u>APÊNDICES .....</u></b>	<b><u>30</u></b>



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa identificar processos de compensação nas interações existente entre alunos cegos durante as atividades do Centro Educacional Especializado para Deficiente Visual do município de Marabá no sudeste do Pará, no ano de 2017, especificamente identificando os tipos de interações existentes entre alunos cegos, e analisando a participação da professora nos momentos de interação.

Após uma experiência com alunos cegos em uma oficina de artes cênicas com o professor Roberto Sanches Rabello<sup>1</sup> na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, pude ter o primeiro contato com esse público; posteriormente assisti a apresentação do trabalho “Alfabetização e letramento de crianças cegas”, da professora Kátia Regina da Silva<sup>2</sup> onde a mesma mostrou um pouco do seu trabalho com alunos cegos. Surgiu em mim então uma enorme curiosidade de trabalhar com esses alunos e conhecer um pouco das vivências deles no nosso município.

A princípio a pesquisa foi pensada para ser realizada em uma sala de aula do ensino comum, mas por estarmos no final do ano letivo, fui informada que esses alunos não estavam frequentando a escola por vários motivos, e então o meu *locus* de pesquisa foi alterado para o CEE, que é um centro especializado para pessoas com deficiência visual, seja ela baixa visão ou cega.

Quando foi fundado, o CEE atendia somente a alunos matriculados na rede regular de ensino, mas depois de um tempo abriu para a comunidade em geral. Os alunos tem dois encontros semanais com os professores e, sempre que possível, um terceiro para as aulas de orientação e mobilidade que acontecem fora do CEE, em locais escolhidos pelos próprios alunos como, por exemplo, a universidade federal, o shopping da cidade, as praças, etc.

A minha pesquisa de campo aconteceu do final do mês de outubro a meados de novembro de dois mil e dezoito, totalizando oito encontros, sendo que os mesmos ocorreram duas vezes por semana, nos horários de 08:00 a 11:45 horas da manhã, com uma turma composta por quatro alunos com diagnóstico de cegueira total; dois tiveram perda gradativa da visão e dois tiveram cegueira congênita. Apesar dos quatro alunos aparecerem na minha pesquisa, o foco maior foi em dois deles, por estarem estes em um mesmo nível de

---

<sup>1</sup> VII Jornada de Educação Especial e Inclusão de 28 a 30 de novembro de 2016. Oficina Artes Cênicas e Educação Inclusiva, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA.

<sup>2</sup> Trabalho apresentado no seminário NEES 10 anos, realizado pelo Núcleo de Educação Especial-NEES/UNIFESSPA.

aprendizado, segundo o professor, e pela necessidade que ele tinha em trabalhar de maneira diferenciada os dois grupos, inclusive em locais diferentes.

Para um primeiro contato com a literatura acerca do tema escolhido, fiz uma busca de artigos pela base de dados Scielo utilizando como descritores as palavras: educação especial; interação social; educação inclusiva; deficiência visual. A busca se deu de maneira proveitosa, pois os autores encontrados: Ruiz e Batista (2014), Vilaronga e Caiado (2013), França-Freitas e Gil (2012), Laplane e Batista (2008), relatavam experiências bem diferentes e de inúmeras maneiras para se trabalhar o mesmo aspecto, que era a educação de crianças cegas.

O primeiro trabalho (RUIZ; BATISTA, 2014) tinha como objetivo utilizar a brincadeira faz de contas para analisar as formas de interação entre as crianças e a atuação do adulto, e a partir desse momento de brincadeira entre as crianças, perceber as dificuldades enfrentadas e tentar solucionar para que essa brincadeira ocorresse com mais frequência entre as crianças cegas e videntes. O estudo foi feito com dois grupos de crianças, totalizando sete participantes, em uma das salas de um Centro de Apoio Educacional para crianças com dificuldade de aprendizagem de um município de porte médio do estado de São Paulo. Foram realizadas oito sessões em um período de 3 meses, todas filmadas e transcritas. Através da análise microgenética, foram feitos recortes por tema da brincadeira e selecionados episódios. Após essa seleção as autoras concluíram que as brincadeiras e interações entre as crianças promoveram de maneira bastante satisfatória a autonomia e autoconfiança delas, bem como contribuíram para a formação global dessas crianças.

Já no segundo trabalho (VILARONGA; CAIADO, 2013) foi realizada uma pesquisa de história de vida, onde as autoras puderam ouvir de quatro alunos com deficiência visual que concluíram o ensino médio e participaram de um curso de preparação para o vestibular, um pouco das suas trajetórias de vida escolar até chegar nessa etapa, e perceber um pouco das suas expectativas. As autoras tiveram como objetivo descrever e analisar essas histórias e concluíram que, ouvindo esses relatos, puderam pensar no ensino que estavam tendo naquele ano e com que estavam compactuando, já que na fala dos alunos constavam histórias alegres por conta das amizades e de alguns professores prestativos, mas também constavam histórias tristes de alunos que se sentiam invisíveis dentro da sala de aula e que não tinham recursos para que os conteúdos fossem apreendidos.

O terceiro trabalho (FRANÇA-FREITAS; GIL, 2012) também foi realizado com quatro crianças, duas cegas e duas videntes, todas do sexo masculino. Fez uso do Inventário Portage Operacionalizado, um sistema de treinamento de pais e educadores que derivou do Guia Portage de Educação Pré-Escolar, por meio de entrevista com os pais e professores das

crianças, caracterizando a pesquisa como descritiva, que tem o levantamento como delineamento. Tinha como objetivo apresentar o desenvolvimento geral e de áreas específicas bem como cognição, linguagem, desenvolvimento motor, autocuidados e socialização de uma das crianças cegas que recebeu estimulação constante e especializada, da outra que recebeu apenas estimulação assistemática. As autoras chegaram à conclusão que a criança com deficiência que tem uma estimulação constante e especializada não apresenta uma diferença tão grande em relação às crianças videntes quanto a criança que só recebe estimulação assistemática.

O quarto trabalho (LAPLANE; BATISTA, 2008) teve como objetivo discutir “o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com deficiência visual, seus modos de apreensão do mundo e o uso de recursos para auxiliar na participação escolar.” (LAPLANE e BATISTA, p. 209). Após uma pesquisa de integração da compreensão dos processos gerais de desenvolvimento e os aspectos particulares que a deficiência visual implica na prática pedagógica inclusiva, possibilitando a participação escolar plena pelo agenciamento e de recursos necessários, as autoras relatam a importância do uso de recursos para com esse aluno para promover o interesse e a participação plena nas atividades escolares. As autoras concluíram que muitos obstáculos enfrentados por alunos com deficiência visual se dão por causa do atraso nos serviços de detecção e intervenção precoce.

O primeiro contato com esses trabalhos me faz acreditar no potencial dessa pesquisa e acreditar cada vez mais na importância de mais pesquisas nessa área, haja visto que a interação entre alunos cegos e videntes são de suma importância para que essa aprendizagem aconteça cada vez mais de maneira proveitosa e prazerosa para ambas as partes. Os quatro trabalhos analisados se preocupam com o desenvolvimento do aluno deficiente visual no âmbito de inseri-lo no contexto escolar, de maneira que o mesmo não se sinta invisível e/ou insignificante, preocupando-se com a sala de aula em que o mesmo está inserido e com os materiais de apoio necessários para que haja um interesse por parte do deficiente visual de participar de todas as formas de interação possível. Analisar os relatos de alunos que viveram isso e hoje almejam ingressar na universidade nos possibilita avaliar o papel do docente e do pesquisador sobre o que está sendo alterado nesse ensino, e o que ainda precisa melhorar, afinal o ensino precisa ser sempre reavaliado para que cada vez mais estejamos aptos a receber todas as demandas existentes.

O presente trabalho foi dividido em quatro sessões, a sessão a seguir apresentará a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, locus de pesquisa e período pesquisado. A sessão posterior trará a pesquisa de base que foi utilizada para fundamentação teórica desse

trabalho, sedo ela um breve histórico da educação especial e o pensamento Vigotskiano. Após essa fundamentação temos o capítulo das análises, que são discutidos em três conceitos relativos ao tema estudado. E por fim o capítulo de conclusão desse trabalho.

## 1. PERCUSSOS DA PESQUISA:

A presente pesquisa foi desenvolvida no Centro Educacional Especializado Para Deficiente da cidade de Marabá, com uma turma formada por quatro alunos cegos. Teve como método de pesquisa o estudo de caso, definido da seguinte forma por Laville e Dione (2008, p. 155):

A denominação refere-se evidentemente ao estudo de *um* caso, talvez o de uma pessoa, mas também o de um grupo, de uma comunidade, de um meio, ou então fará referência a um acontecimento especial, uma mudança política, um conflito... Tal investigação permitirá inicialmente fornecer explicações no que tange diretamente ao caso considerado e elementos que lhe marcam o contexto.

A pesquisa teve como objetivo identificar processos de compensação nas interações existentes entre alunos cegos durante as atividades do CEE. Laville e Dione (1999, p. 156) enfocam que “um pesquisador seleciona um caso, na medida em que este lhe pareça típico, representativo de outros casos análogos”. A escolha desse local de pesquisa se deu pelo fato de o Centro de Atendimento Pedagógico ser responsável pelo atendimento de crianças cegas e com baixa visão no contra turno da sala de aula comum nesse município, sendo ele o lugar de referencia para a educação desses alunos no município de Marabá e região.

Após a escolha do objetivo de pesquisa foi feita uma busca para embasamento teórico, através dos livros e artigos de Vigotski e de autores que escreveram sobre suas concepções, tais como Nuernberg (2008), Vigotski (2011) e Vigotski (20013) para a construção do seu referencial teórico, haja visto que os conceitos constituídos no objetivo deste trabalho são conceitos criados por este autor, que também desenvolveu trabalhos relacionados a educação de cegos. Conseqüentemente desde a criação desse objetivo já se pensava em buscar as teorias de Vigotski como referencia, por ser este um autor importante quando se estuda compensação e interação social.

Posteriormente a construção do referencial, fui a campo para coletar os dados necessários para a análise. Foram feitas durante o estudo, entre o período de 23 de outubro a 16 de novembro, oito sessões de observação participante. Na concepção de Severino (2007), a observação é uma etapa insubstituível em seja qual for a modalidade ou o tipo de pesquisa, é o procedimento que permite o acesso aos acontecimentos estudados. Tais sessões de observação foram feitas durante toda a permanência desses alunos no CEE, desde as 08:00h da manhã, horário de chegada dos alunos, até as 11:30h, que é o horário que eles começam a se organizar para ir para casa. Ocorreram em todos os espaços do centro, desde o acesso ao portão na hora de entrada, o percurso de ida para a sala de aula ou saída da mesma para o

ônibus, as atividades na cantina no horário do intervalo, e os momentos de aula. Essas observações foram anotadas no contra turno do horário de atendimento, em um diário de campo que consta como apêndice deste trabalho. Foi feita também uma entrevista não-diretiva com o professor responsável por esses alunos. Esse tipo de entrevista, na visão de Severino (2007) acontece da seguinte maneira:

O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimento suas representações. (p. 125).

Logo após a escolha, entrei em contato com a professora M<sup>3</sup> para que pudesse saber como poderia iniciar a minha pesquisa. A professora pediu para que eu fosse a seu encontro em uma terça-feira no período da tarde no seu outro local de trabalho, para que eu pudesse contar para ela um pouco do que era a minha pesquisa e ela pudesse me ajudar em alguma coisa sobre o centro. Após a nossa conversa, foi marcado comigo um momento para fazer uma visita ao local, mas como ela estava retornando das férias não tinha certeza se os alunos estariam frequentando normalmente o espaço, por que alguns professores estavam de licença e outros de atestado médico. A professora entrou em contato com um amigo de trabalho e se certificou de quais dias e horários as crianças, que ela entendeu que se encaixavam melhor na minha pesquisa, estavam frequentando o espaço. A escolha dessas crianças se deu pela regularidade da frequência ao CEE, idade, e pelo diagnóstico de cegueira total. Após ficarmos sabendo o horário dos meninos, ela me forneceu o contato do professor que os estaria acompanhando (professor E); entrei em contato e ele logo se prontificou a me receber e me apresentar o espaço e a coordenadora do centro para que eu pudesse dar início a minha pesquisa.

Marcamos o dia da primeira visita ao centro. Quando cheguei no local, o professor foi me apresentar o espaço, que contava de três salas de aula, sendo uma dividida ao meio (metade para computação e metade com mesa para estudos), uma sala para coordenação, uma brinquedoteca, e a cantina, ele possui baixa visão, e anda pelos espaços sem nenhuma dificuldade, só percebi a baixa visão quando o mesmo me informou. O CEE funciona no mesmo espaço que uma escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O professor me apresentou também a coordenadora, que me deu as boas vindas e disse que eu poderia ficar à vontade. Retornamos para a sala de aula e para nossa conversa; falei um pouco da minha

---

<sup>3</sup> Para a proteção da identidade dos participantes da pesquisa, foi utilizada somente uma letra como código para definição de cada pessoa.

pesquisa e ele concordou que os alunos a serem estudados deveriam ser R e I, os quais a professora havia indicado, e que eu poderia começar no dia seguinte, V e C ficariam nas atividades que já estavam desenvolvendo em uma sala separada por conta de precisarem de uma atenção maior.

Nos primeiros dias de observação estavam presentes o professor E, e uma estagiária trabalhando com os alunos, mas logo ela teve um problema de saúde e não pode mais acompanhá-los, então eu fiquei responsável por dois alunos que eram aqueles que os professores tinham me indicado para fazer a pesquisa.

Acompanhei os alunos em todos os processos e os momentos de permanência deles no espaço. O professor E me apresentava a atividade que deveria ser realizada com eles e eu desenvolvia juntamente com os alunos. A sala de aula em que ficávamos tinha o alfabeto braile escrito em cartazes (cada letra e seu código em um cartaz) e o professor me instruiu a acompanhar por ali todas as letras (eu não tinha domínio da escrita braile), e me deu segurança de que eu aprenderia rapidinho com eles. Naquele momento, não só os alunos estavam se aprimorando no braile, eu também estava aprendendo bastante com eles, e assim foram os nossos dias juntos, todos regados a sorrisos e aprendizagens.

A escolha dessa metodologia (estudo de caso) se deu pela possibilidade de focar em um caso particular e concluí-lo, de maneira que o mesmo possa ser comparado com casos análogos, tornando a pesquisa uma das muitas experiências vivenciadas por esse grupo de pessoas e não somente útil para o mesmo, mas para a sociedade em geral. Esta sociedade precisa aprender a conviver com esses alunos e perceber que a educação deles não difere da educação de qualquer outra criança, que são importantes a força de vontade e a preparação de material adaptado para eles acompanharem as aulas do ensino comum.

Os meninos com os quais trabalhei tem entre 8 e 14 anos de idade, todos eles cursam o ensino fundamental I, dois já estão alfabetizados em braile e dois ainda estão se alfabetizando, mas nenhum deles no período em que eu acompanhei as atividades do CEE estavam frequentando a escola, por falta de estagiário, R até tentou participar das aulas do ensino regular, mas o professor reforçou o discurso de que sozinho em sala de aula não poderia ajuda-lo e não conseguiria acompanhá-lo.

Para a análise do diário de campo, foram escolhidas categorias baseadas nas leituras feitas na literatura vigotskiana. Tais categorias foram: superação de obstáculos, zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e compensação. As ações descritas no diário de campo foram organizadas num quadro analítico com base em tais categorias, servindo de base para a seção onde apresento o texto de análise.

## **2. DO INICIO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL Á CONCEPÇÕES VIGOSTKIANAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CEGOS.**

Utilizei nesta pesquisa os textos de Mendes (2010) e Pintor (2017) com o objetivo de trazer ao leitor um breve histórico da educação especial e textos de Nuernberg (2008), Vigotski (2011) e Vigotski (2003) para a fundamentação teórica.

Partindo de um breve histórico da educação especial no Brasil e no mundo podemos citar alguns referentes à inclusão desses alunos a escola, mesmo que em escolas especializadas e preparadas para a recepção somente de alunos com deficiência, como o Instituto dos Meninos Cegos implantado no período final do século XIX, mais precisamente no ano de 1857, na Europa sob a direção do mestre francês Edouard Huet. Vinte anos depois foi criado na Bahia o Hospital Juliano Moreira, iniciando o atendimento de pessoas com deficiência intelectual através da assistência médica, com respeito a educação foi criada em 1887 a “Escola México” no Rio de Janeiro para o atendimento de pessoas com deficiência física e intelectual.

Durante a Primeira República, Mendes 2010 afirma que:

Os médicos foram os primeiros a estudar os casos de crianças com prejuízos mais graves e criaram instituições para crianças junto a sanatórios psiquiátricos. [...] Este interesse dos médicos pelas pessoas com deficiência teriam maior repercussão após a criação dos serviços de higiene mental e saúde pública, que em alguns estados deu origem ao serviço de Inspeção medico-escolar e à preocupação com a identificação e educação dos estados anormais de inteligência. (MENDES, 2010, p. 95)

Já entre as décadas de vinte e trinta onde o índice de analfabetismo torneava os 80% da população, Mendes 2010 relata que a vertente psicopedagógica da educação de pessoas com deficiência no Brasil sofreu influencias nos sistemas educacionais de educação por conta das principais ideias e planos do movimento escola-novista, que se preocupava em reduzir as desigualdades sociais e em incitar a autonomia individual da criança.

o ideário da escola nova permitiu ainda a penetração, e o uso dos testes de inteligência para identificar deficientes intelectuais passou a ser difundido nesse período. Em 1913 o professor Clemente Quaglio da Escola Normal de São Paulo introduziu a escala Binet-Simon e publicou a primeira amostra estatística. (MENDES, 2010, p. 96)

Mais ou menos 41 anos depois desse início de trabalhos e debates sobre a educação de pessoas com deficiência, é criada a primeira escola especial da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), mais precisamente no ano de 1954, sob influência de um casal



norte-americanos Beatrice e George Bemis. A partir de 1958 o Ministério da Educação começa a ajudar técnica e financeiramente as secretarias das instituições especializadas e lança as campanhas nacionais para pessoas com deficiência, segundo Mendes (2010).

O Conselho Federal de Educação (CFE) foi criado por conta da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 4.024, que aconteceu no dia 20 de dezembro 1961, e trouxe a expressão “educação de excepcionais” contida nos artigos 88 e 89, bem como a oficialização das ações do poder público que até então se davam de maneira isoladas e regionais na área de educação especial no contexto da política educacional nacional.

Essa Lei de Diretrizes e Bases 4.024 foi reformulada, dando origem em 11 de agosto de 1971 à Lei 5.692/71 que estabeleceu como clientela da educação especial os alunos que apresentassem deficiência física ou mental os que se encontrassem em atraso quanto à idade-série e os superdotados.

A educação especial foi estabelecida como uma das prioridades do I Plano de Educação e Cultura (1972-1974) e foi nesse contexto que surgiu em junho de 1973, o Decreto 72.425, de 3 de julho de 1973, que criou o Centro Nacional de Educação Especial (Cenesp), junto ao Ministério de Educação; que iria se constituir no primeiro órgão educacional do governo federal, responsável pela definição da política de educação especial. (MENDES, 2010, p. 100).

Em 1988 foi promulgada a Constituição Federal Brasileira, que segundo Mendes (2010, p. 101-102):

Traçou as linhas mestras visando a democratização da educação brasileira, e trouxe dispositivos para tentar erradicar o analfabetismo, universalizar o atendimento escolar, melhorar a qualidade de ensino, implementar a formação para o trabalho e a formação humanística, científica e tecnológica do país. Ela assegurou que a educação de pessoas com deficiência deveria ocorrer, preferencialmente na rede regular de ensino e garantiu ainda o direito ao atendimento educacional especializado.

Já em 20 de dezembro de 1996 entra em vigor a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 que segundo Mendes (2010) trouxe referências as necessidades educacionais especiais “tanto para atualizar os dispositivos que a Constituição de 1988 dirigia aos indivíduos com deficiências, quanto priorizar a expansão de matrículas na rede pública regular.” (p. 105) E a partir daí começa-se uma discussão em torno da inclusão parcial desses alunos na rede pública de ensino e a inclusão total, trazendo com isso um amplo debate pela necessidade de implementação de políticas mais radicais e pouco consensuais, já que em seu art. 58, a educação especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino.

Pode-se dizer que os resultados nos últimos 30 anos de política de “integração escolar” foi provocar uma expansão das classes especiais, favorecendo o processo de exclusão na escola comum pública. Os recursos predominantes hoje são salas de recursos em escolas públicas, que substituíram as antigas classes especiais, escolas especiais provadas e filantrópicas e um grande contingente de alunos inseridos e classes comuns sem receber nenhum tipo de suporte a escolarização. (MENDES, 2010, p. 106)

Depois de conhecermos historicamente o decorrer da chegada do aluno com deficiência às classes regulares de ensino, e ver que finalmente a educação assume de forma concreta os seus direitos e espaços como descritos na Constituição, podemos pensar, na permanência desse aluno na sala de aula comum de modo que esse convívio e essa aprendizagem se deem de maneira proveitosa e prazerosa, e que seja útil para a formação da identidade do aluno em meio a sociedade e não somente no seio da família. De acordo com Pintor (2017, p. 44) “é a partir das relações com os outros que se constrói a noção de identidade. Isolado do grupo, da convivência social e do diálogo com os outros, a pessoa não desenvolve sua noção de ‘eu’, de identidade.”. Segundo ela:

No âmbito da educação, as vítimas de processos históricos de exclusão vem demonstrando diferentes formas de resistência e mobilizando atores sociais como educadores, cientistas e políticos a se manifestarem em busca de alternativas contra a exclusão. (PINTOR, 2017, p. 46)

Assim como toda e qualquer mudança, o processo de transição entre uma escola excludente e uma escola inclusiva e democrática também precisa de disponibilidade, força de vontade e de um tempo para adaptação de todos e aceitação do novo, sem se prender a conceitos prévios, e sim partir dos conceitos que serão formados a partir dessas experiências. Nós tendemos a nos afastar do diferente por pura indiferença ou medo do desconhecido, ou tendemos a nos aproximar por curiosidade e achar que aquela novidade é uma anormalidade e precisa de cuidados intensos, esquecendo que a pessoa com deficiência também é uma pessoa e tem suas próprias maneiras de se adaptar e se desenvolver no meio.

Vigotski (2011) acredita que toda pessoa consegue apropriar-se da cultura e nos dá exemplos claros de quando as pessoas acreditavam somente na educação de alunos videntes e ouvintes, mostrando-nos que após o surgimento do braile e da Linguagem de Sinais os pesquisadores começaram a acreditar em uma educação por outros caminhos. Diz o autor:

A criança começa a recorrer a caminhos indiretos quando, pelo caminho direto, a resposta é dificultada, ou seja, quando as necessidades de adaptação que se colocam diante da criança excedem suas possibilidades, quando, por meio da resposta natural, ela não consegue dar conta da tarefa em questão. (p. 865)

Ele explica sobre o desenvolvimento da aprendizagem a partir dos obstáculos; mostra que, após o momento em que a criança se depara com eles, sente a necessidade de conseguir superá-los, utilizando caminhos alternativos, e afirma que essa é a melhor maneira de fazer com que a criança com deficiência desenvolva suas formas superiores, levando-a a perceber novos caminhos que cheguem a determinadas soluções, mediando a aprendizagem com recursos que eles possam utilizar e construir sua autonomia.

O desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar. Se as dificuldades organizadas por nós obrigam a criança a corrigir seu comportamento, a pensar antes de agir, a tomar consciência em palavras, como diz Claparède, então acontece a situação mencionada (VIGOTSKI, 2011, p. 866).

Nuernberg (2008), em seu artigo sobre a contribuição de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual também nos relata essa mesma questão, quando diz:

As vias alternativas de desenvolvimento na presença da deficiência seguem a direção da compensação social das limitações orgânicas e funcionais impostas por essa condição. Cumpre ressaltar, contudo, que não se trata de afirmar que uma função psicológica compense outra prejudicada ou que a limitação numa parte do organismo resulte na hipertrofia de outra. A compensação social a que se refere Vigotski consiste, sobretudo, numa reação do sujeito diante da deficiência, no sentido de superar as limitações com base em instrumentos artificiais, como a mediação simbólica. Por isso, sua concepção instiga a educação a criar oportunidades para que a compensação social efetivamente se realize de modo planejado e objetivo, promovendo o processo de apropriação cultural por parte do educando com deficiência. (p. 309)

Vigotski (2011, p. 867) também nos mostra que a dificuldade é imposta por nós mesmos, quando afirma que “Toda a nossa cultura é calculada para a pessoa dotada de certos órgãos – mão, olho, ouvido – e de certas funções cerebrais.” O autor também afirma que pensar a educação para as pessoas com algum comprometimento desses órgãos se torna para nós difícil, e tendemos a rotular essa educação como falha, ou até mesmo acreditar previamente na ideia de que esse indivíduo jamais conseguirá se desenvolver, adaptar-se ao meio, ter autonomia para tomar suas próprias decisões e escolhas, sejam elas de quais roupas vestir ou de seguir os estudos até o ensino superior.

O autor nos faz pensar sobre o papel da deficiência na vida do aluno: por um lado seria o obstáculo, a dificuldade de adaptação e produção de falhas, mas por outro lado, como Vigotski já afirmou anteriormente que a criança não aprende a resolver problemas se não os encontrar pelo caminho, e que essas dificuldades e obstáculos se tornam mecanismos para a criação de novas maneiras de resolução dessas dificuldades. A deficiência vem a ser o estimulador de novos caminhos, novas maneiras de lidar com o cotidiano.

O olhar tradicional partia da ideia de que o defeito significa menos, falha, deficiência, limita e estreita o desenvolvimento da criança, o qual era caracterizado, antes de mais nada, pelo ângulo da perda dessa ou daquela função. Toda a psicologia da criança anormal foi construída, em geral, pelo método da subtração das funções perdidas em relação à psicologia da criança normal. (VIGOTSKI, 2011, p. 869)

O autor ainda complementa dizendo que

Por um lado, ela é uma deficiência e atua diretamente como tal, produzindo falhas, obstáculos, dificuldades na adaptação da criança. Por outro lado, exatamente porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem. (VIGOTSKI, 2011, p. 869)

O autor finaliza sua reflexão nessa obra, ressaltando a importância de o professor mediar a aprendizagem e apresentar as crianças novas possibilidades para que possam construir seu desenvolvimento por outros caminhos que não os típicos, reforçando que o desenvolvimento de suas funções superiores será um avanço imensurável para eles, possibilitando sua autonomia, bem como quando surgiu o braile para os cegos e a datilografia para os mudos.

Para a criança intelectualmente atrasada, deve ser criado, em relação ao desenvolvimento de suas funções superiores de atenção e pensamento, algo que lembre o sistema Braille para a criança cega ou a dactilografia para a muda, isto é, um sistema de caminhos indiretos de desenvolvimento cultural, quando os caminhos diretos estão impedidos devido ao defeito. (VIGOTSKI, 2011, p. 869)

Vigotski mais uma vez nos leva a pensar que a deficiência possa estar na sociedade, em não conseguirmos nos adaptar à maneira de desenvolvimento dessas crianças, nos levando a pensar que se essas crianças tiverem acesso às informações, da mesma maneira que as crianças sem deficiência, a evolução será constante e sem retardamento.

Em sua obra “A formação social da mente” Vigotski (2003) nos fala sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) da criança. Ele define a ZDP como todas aquelas operações que a criança precisa de auxílio para desenvolver, seja esse auxílio fornecido por um adulto ou por um companheiro que já desenvolve sozinho a mesma operação; ele afirma que não basta saber o que a criança já consegue realizar sozinha, pois o que precisa ser aguçado e mediado com essa criança é o que ainda não amadureceu no seu interior.

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. (VIGOTSKI, 2003. p. 113)

Pensando nessa zona específica podemos afirmar que qualquer mediação para uma criança cega, bem como para uma criança que tem o recurso da visão, é de suma importância para o processo de desenvolvimento e aquisição do nível de desenvolvimento real (NDR), que é aquela em que a criança consegue resolver a operação sem precisar da intervenção de ninguém. no caminho entre uma zona e outra é que Vigotski acredita que a mentalidade da criança se desenvolva, por meio dessas interações e das trocas de experiências.

Após conhecermos um breve contexto da história da educação especial no Brasil e no mundo, e as definições dos conceitos vigotiskianos escolhidos para embasamento desse trabalho, apresento a vocês a sessão de análises, onde esses conceitos foram encontrados nas observações feitas em campo.

### **3. OS CONCEITOS VIGOTSKIANOS NAS INTERAÇÕES ENTRE DOS ALUNOS DO CEE.**

A partir das observações feitas no CEE e transcritas no Diário de Campo, com a finalidade de comparar essas observações com a teoria, foram retomadas para a análise deste trabalho três categorias existentes na teoria vigotiskiana. Foram elas: *zona de desenvolvimento proximal, compensação e superação de obstáculos.*

#### **3.1. ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL**

Vigotski nos apresenta a Zona de Desenvolvimento Proximal, que é um conceito utilizado por ele para definir a transição entre as atividades que a criança precisa da mediação de uma pessoa mais experiente e as que esse auxílio não se faz mais necessário. O autor chama de ZDP toda e qualquer operação que a criança consiga desenvolver com o auxílio de alguém mais experiente, e a coloca para o professor como algo muito importante, pelo fato de ser pela mediação dessas funções que ainda não amadureceram que a criança consiga avançar no seu desenvolvimento mental.

Na situação a seguir, foi proposta para os meninos uma atividade de escrita, através de um ditado feito pela professora/pesquisadora que sou eu. No momento em que é informado para os alunos que será feito o ditado e que iríamos começar escrevendo o nome deles, I logo se nega por não saber escrever sozinho o seu nome, já R não sabe, mas me pergunta quais os pontos da letra que compõe seu nome. Como eu não sou fluente em braille preciso verificar em um material que o professor disponibilizou para mim, para que eu ajudasse os meninos, e

nesse caso eles mesmos as vezes estão pedindo ajuda e as vezes ajudando alguém menos experiente. Tem letras que um conhece os pontos e o outro não, e assim eles vão se auxiliando e eu só entro na mediação quando eles não têm certeza da resposta, para que eu possa conferir no material e afirmar, assim como mostra o paragrafo a baixo.

---

**R: Duda como é mesmo a letra M.**  
**I: Mas eu não sei escrever meu nome tia.**  
**Eu: nos te ajudamos, né R?**  
**R: é I, a gente te ajuda.**  
**I: R, a letra M é ponto 1, ponto 3 e ponto 4, né tia ?**  
**Eu: deixa a tia ver aqui, porque a tia não tem certeza.**  
**R: Eita Duda, (risos) ele ta certo?**  
**Eu: esta sim,(palmas) muito bem I, viu como a gente vai se ajudando, e eu vou aprendendo com vocês.**  
**I: então como é a letra I tia?**  
**R: Não fala Duda, não fala, eu vou fazer pra ele.**  
**Eu: Não R, ao invés de você fazer pra ele, diga pra ele os pontos.**  
**R: então tá, é ponto 2 e ponto 4, né Duda?(DC. L, 187-199)**

---

Dessa maneira, os alunos se revezaram entre o que domina melhor tal assunto e o que já domina melhor outro assunto, pois em certa atividade um é mais experiente já em outra o amigo assume o papel de ajuda-lo por dominar melhor o assunto. Na maioria das vezes, a minha mediação foi somente por conta da visão, pois eles me disseram os passos a seguir e eu executei, como na próxima situação que aconteceu em uma aula de informática, em que R não conseguiu colocar o jogo desejado por não encontrar a letra certa do atalho no computador, e acabou me pedindo auxílio única e exclusivamente por conta da minha visão, afinal ele sabia todas as letras que deveriam ser apertadas para chegar ate o jogo, e não conseguiu por estar com dificuldade na localização de uma delas. R já está quase avançando para o nível de desenvolvimento real quanto a utilização do teclado do notebook do professor E, ele já criou todos os atalhos possíveis para chegar à maioria das letras, mas ainda precisa da mediação de uma pessoa mais experiente para alcançar algumas que ele ainda não internalizou a localização.

Vigotski não limita a mediação a um adulto ou professor, ele a descreve como a ajuda de alguém mais experiente, seja esse alguém aluno, amigo, pai ou professor, e é o que acontece bastante nas atividades do CEE, os meninos se ajudam a todo momento e fazem questão de dar essa ajuda. Quando um deles não sabe escrever uma letra, por exemplo, e o outro sabe, o mais experiente logo pergunta ao professor se pode dizer para o amigo, e fica bastante satisfeito quando pode ajudar, que é o que acontece na situação a seguir.

*quando os meninos não lembravam como se escrevia uma letra, eles me perguntavam e eu respondia ou eles mesmos ensinavam um ao outro, na verdade na maioria das vezes eles mesmos respondiam ao outro,(DC. L, 458-460)*

*I vai ler a palavra e R escreve-la, quando I tinha dificuldade em uma letra e R sabia, perguntava se podia dizer, (DC. L, 588-592).*

A maior dificuldade dos alunos era de fato o alfabeto braile, pois quando as letras eram soletradas, eles juntavam as sílabas e diziam as palavras com uma imensa facilidade. A leitura pra eles seria uma atividade sem desafios, se eles não tivessem que reconhecer através do tato, as letras escritas em braile, como descritas nesse trecho que se refere ao R.

*ele tinha uma pequena dificuldade no reconhecimento de algumas letras, mas quando descobria a letra a formação das sílabas e palavras se davam em um segundo.(DC. L, 562-564)*

O professor E faz questão de que esses alunos estejam sempre na mesma turma, para que esse entrosamento só venha a fortalecer o nível de desenvolvimento mental deles.

*[...] então assim, eles interagem muito, embora não atuem juntos no ensino comum, mas o R e o I aqui interagem bastante, e é uma coisa que eu não abro mão, eu sempre falei aqui quando se tenta organizar o roteiro do ônibus escolar que leva eles e que traz, é não deixar eles em dias diferentes aqui no CEE,[...](Entrevista, l. 67-71)*

A ZDP é trabalhada o tempo todo com esses alunos, através da interação deles com os colegas mais experientes (sendo que um entende melhor de determinado assunto, e o outro entende melhor de um assunto diferente) e com os professores responsáveis por eles no CEE.

### 3.2. COMPENSAÇÃO

Vigotski descreveu a compensação como algo que não seja orgânico, ou automático, que com a ausência de uma função outra imediatamente se aguce e cubra a ausência, mas viu como uma maneira de superar a falta de uma com o aprimoramento da outra. Nuernberg nos explica esse processo:

As vias alternativas de desenvolvimento na presença da deficiência seguem a direção da compensação social das limitações orgânicas e funcionais impostas por essa condição. Cumpre ressaltar, contudo, que não se trata de afirmar que uma função psicológica compense outra prejudicada ou que a limitação numa parte do organismo resulte na hipertrofia de outra. A compensação social a que se refere Vigotski consiste, sobretudo, numa reação do sujeito diante da deficiência, no sentido de superar as limitações com base em instrumentos artificiais, como a mediação simbólica. Por isso, sua concepção instiga a educação a criar oportunidades para que a compensação social efetivamente se realize de modo planejado e objetivo, promovendo o processo de apropriação cultural por parte do educando com deficiência. (NUERNBERG, 2008. p. 309)

Por exemplo, na situação abaixo descrita, em que o aluno não teve segurança de andar nos espaços do CEE sozinho e os amigos de turma começam a bater palmas para que ele chegue até eles através do som. Isso não significa que o seu ouvido seja mais apurado por compensação da falta de visão, mas que ele trabalha esse caminho alternativo já que o primeiro, que é o visual, encontra-se impedido, e o torna eficaz para a sua locomoção e para percepção de algumas coisas, como a chuva, ou que não está sozinho em um espaço. Vigotski afirma que a mediação no momento da compensação é primordial, para que esse indivíduo crie suas próprias maneiras de superar seus obstáculos.

---

***I não gosta de andar sozinho sem o auxílio de alguém, os meninos continuam chamando, gritando da porta da brinquedoteca e batendo palma para que I chegue até eles.[...](DC, l. 77-79)***

---

As interações sociais pelas quais o indivíduo passa durante toda a sua vida fazem com que o seu tato e a sua audição sejam utilizados para compensar o recurso visual, é possível supor que desde o nascimento dessa criança, as pessoas apresentam objetos para elas através do toque e do som, logo o reconhecimento desses objetos passa a ser feito através do tato e da audição.

Vigotski nega a noção de compensação biológica do tato e da audição em função da cegueira e coloca o processo de compensação social centrado na capacidade da linguagem de superar as limitações produzidas pela impossibilidade de acesso direto à experiência visual. (NUERNBERG, 2008. p. 311)

A partir do momento em que a criança se depara com os obstáculos ela cria mecanismos compensatórios para se adaptar ao meio social, e esses mecanismos que as levam a criar essas compensações, que como Vigotski disse, são mais sociais do que orgânicas. A interação dessas crianças na sociedade em geral é em partes responsável pelo aprimoramento dessas compensações.



### 3.3. SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS

Vigotski fala sobre os obstáculos que a criança deve enfrentar, e diz que uma criança só iria pensar sobre uma coisa quando ela lhe fosse dificultada, que a partir do problema a criança começa a buscar uma solução e com ela se desenvolve.

O desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar. Se as dificuldades organizadas por nós obrigam a criança a corrigir seu comportamento, a pensar antes de agir, a tomar consciência em palavras, como diz Claparède, então acontece a situação mencionada (VIGOTSKI, 2011, p. 866).

Sabemos que a reação de um responsável ao ver a criança se deparar com um obstáculo é resolvê-lo no lugar da criança, e poucas são as vezes que essa criança é levada a resolver esse obstáculo sozinha. Quando os alunos iam participar de atividades com as máquinas de datilografia braile, elas já estavam prontas para a digitação e postas em cima da mesa, já na situação abaixo, o aluno resolveu preparar a máquina para utilizar:

---

*R vai logo se levantando e pegando as máquinas para colocar em cima da mesa nos lugares onde ele e I estão sentados, e pegando os papéis, ele me diz logo que não precisa eu colocar que ele já aprendeu e quer colocar sozinho, (DC, l. 451-454)*

---

Com essa atitude, R cria independência ao manusear a máquina de datilografia, podendo prepará-la sozinho. ele não precisará do apoio de uma pessoa mais experiente quando precisar escrever algo.

Nessa segunda situação, o aluno resolve seguir o caminho da sala sem o apoio da professora-pesquisadora:

---

*[...] parei pra beber água com V e I seguiu sozinho, foi a primeira vez que eu vi ele ir sozinho para a sala, mas R estava na porta falando alto e ele estava indo pela localização da voz dele. (DC. L, 480-482)*

---

Ao se ver na situação de não poder brincar com os amigos, por ter que esperar a professora-pesquisadora para ir até a sala, o aluno prefere soltar-se dos braços da mesma e fazer o percurso sozinho. Se ele não tivesse encontrado esse impedimento (eu ter parado para beber água), segundo Vigotski não teria superado o obstáculo de tentar ir sozinho até os amigos.

Posso afirmar então que quanto mais obstáculos tiverem no caminho de uma criança mais ela será levada a pensar em soluções. Com isso a deficiência pode ser vista como o principal fornecedor de obstáculos para que a criança possa a partir deles supera-los e criar novos caminhos com mecanismos alternativos para passar por todas as limitações encontradas no seu caminho.

#### 4. CONCLUSÕES

Sendo meus objetivos identificar processos de compensação e identificar os tipos de interações existentes entre os alunos do Centro Educacional Especializado para deficientes visuais posso concluir que após a análise do material coletado com base na teoria vigotskiana foram identificadas interações que resultaram em compensação, ZDP e superação de obstáculos, ambas acontecem com bastante frequência em todos os momentos de permanência no espaço.

Essas interações em que estava presente a compensação aconteceram com mais frequência em momentos cotidianos, como por exemplo: a ida ao banheiro, o percurso de mudança da sala de aula para a sala de informática ou para a cantina, a maneira de comer, etc. Pois alguns dos alunos já tinham autonomia para andar nos espaços do CEE e outros não. Então eles auxiliavam o outro construindo novas maneiras de superar a falta da visão, bem como as interações em que se manifestou a superação de obstáculos, que além de acontecer nesses momentos cotidianos aconteciam também em atividades, como por exemplo: a preparação da máquina de datilografia braile para o uso, a soma feita com o soroban ao invés dos dedos, etc.

Já as interações onde a criança se apresentava na ZDP aconteceram em todos os momentos, desde a escrita do seu próprio nome nos materiais que eles produziram, à percepção dos teclados do computador, a mudança de uma atividade para a outra no computador, no manuseio da máquina de datilografia, no manuseio do soroban, etc.

Vilaronga e Caiado, (2013) em sua pesquisa puderam analisar as falas de alunos que passaram por várias etapas educacionais. Perceberam com isso que os professores prestativos e atenciosos estão sempre presentes nos relatos dos alunos, mas que os professores que os faziam se sentir invisíveis durante sua aula também não eram esquecidos. Posso com isso afirmar que o CEE é muito querido por essas crianças, eles não festejam quando os professores anunciam que não haverá aula por ser feriado, ou até festejam, mas quando retornam as aulas, o sorriso está estampado no rosto, e os abraços dizendo que estavam com saudades começam desde o portão de entrada até a sala de aula.

Consequente a isso posso concluir que as interações existentes no espaço do CEE são de suma importância tanto para o desenvolvimento escolar, quanto para o desenvolvimento social desses alunos, estando eles cercados de incentivos e mediações capazes de auxiliá-los no avanço do seu desenvolvimento mental.

**REFERÊNCIAS:**

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos.** Campinas, SP: Autores Associados: PUC, 2003.

FRANÇA-FREITAS, M. L. P; GIL, M. S. C. A. O Desenvolvimento de Crianças Cegas e de Crianças Videntes. **Revista Brasileira de Educação.** Esp. Marília. v, 18. n, 3. p, 507-526. Jul-Set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n3/a10.pdf>> acesso em: 23 Fev. 2017.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber.** Minas Gerais; UFMG, 1999.

LAPLANE, A. L. F; e BATISTA, C. G. **Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola.** Cad. Cedes, Campinas. v, 28. n. 75, p. 209-227, mai-ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n75/v28n75a05.pdf>> acesso em: 02 Jan. 2017.

MENDES, E. G. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía.** V, 22. nº, 57. Mai-Ago 2010.

NUERNBERG, A. H. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Estudo.** Maringá. V, 13. N, 2. Abr-Jun 2008.

PINTOR, N. A. M. **Educação Inclusiva.** Rio de Janeiro. SESES, 2017.

RUIZ, L. C; BATISTA, C. G. Interação entre crianças com deficiência visual em grupos de brincadeira. **Revista Brasileira de Educação.** Esp. Marília. v, 20. n, 2. p, 209-222. Abr-Jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/05.pdf>> acesso em: 02 Jan. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Rv. Educação e Pesquisa.** São Paulo. V, 37. N, 4. Dez 2011.

VIGOTSKI. L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VILARONGA. C. A. R; CAIADO. K. R. M. Processos de escolarização de pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação.** v. 19, n. 1, p. 61- 78, jan-mar, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n1/05.pdf>> acesso em: 02 Jan. 2017.

1

## 1        **APENDICES**

### 2        ➤ **Dia 23 de outubro de 2017:**

3            Primeira visita ao Centro Educacional Especializado Para Deficiente Visual -CEE fui  
4        ao encontro do professor E para me apresentar, conhecer o espaço, e saber como seria a minha  
5        rotina de observação. Chegando lá fui recepcionada pela agente de portaria que me  
6        encaminhou para a sala do professor E que estava sem alunos por conta da aula de natação  
7        dos mesmos, e já foi me informando que eles aviam saído para a natação que acontece uma  
8        vez por semana, em uma escola próxima dali.

9            O professor primeiramente quis me ouvir, saber do que se tratava a minha pesquisa e  
10       qual o público que eu estava procurando, pois já tinha sido informado que eu iria fazer  
11       observações para o meu TCC pela professora M. Informei a ele que gostaria de analisar a  
12       interação dos meninos em geral, e se possível em dois ambientes, tanto no CEE quanto na  
13       escola comum, e comentei sobre a educação infantil, que se possível se encaixaria melhor no  
14       que eu estava planejando e que gostaria de observar os meninos que já nasceram cegos. Ele  
15       me falou sem demoras em dois garotos, garoto R e garoto I, que já conhecem o braile e tem 7  
16       anos de idade, comentou que por estar voltando de uma licença recentemente não tinha  
17       certeza se os dois estariam frequentando a sala comum, pois pelo fato de não ter estagiário a  
18       escola acaba dispensando esses alunos, me informou que os meninos estariam no CEE  
19       durante o período da manhã das terças e quintas-feiras, das 8 as 11 horas por conta da  
20       condução<sup>4</sup>, e que eu poderia acompanha-los o tempo que fosse preciso, perguntou quando eu  
21       defenderia o TCC com uma expressão de “que pena” pelo tempo ser curto e disse que eu teria  
22       que aproveitar o pouco tempo que tinha com eles pra conseguir o máximo possível de  
23       informações. O professor E foi extremamente solícito e prestativo para comigo e se  
24       disponibilizou para qualquer atividade voltada para o meu trabalho, logo em seguida a  
25       coordenadora do CEE senhora J adentrou a sala onde estávamos conversando e se prontificou  
26       também a ajudar no que fosse preciso, me desejando boas vindas, e com expressão de alegria  
27       pela minha presença, sai do CEE com um sorriso enorme, muito confiante com a minha  
28       primeira visita ao local.

### 29       ➤ **Dia 24 de outubro de 2017**

---

<sup>4</sup> Os meninos vem e vão do CAP no ônibus escolar disponibilizado pelo centro que precisa começar a deixa-los as 11 horas da manhã para conseguir buscar os meninos da tarde que precisam estar as 14 horas no CAP, haja visto que os meninos moram em bairros distantes uns dos outros e grande quantidade de alunos.

30 Segundo dia, primeiro contato com os alunos, cheguei no CEE e os meninos ainda não  
31 haviam chegado por conta de que o ônibus acaba se atrasando pela quantidade de alunos em  
32 bairros distantes um do outro. Fui direcionada pelo professor E para a sala em que ele  
33 trabalharia com os meninos e lá puxei uma cadeira no canto e me sentei, os meninos  
34 chegaram em seguida alegres, conversando alto e sorrindo bastante, entraram na sala naquela  
35 euforia e não perceberam a minha presença, resolvi continuar sentada para observar as  
36 conversas e brincadeira que eles fariam entre si antes da chegada do professor na sala, já que  
37 o mesmo estava separando o material que eles utilizariam.

38 Nesse dia havia quatro crianças na sala, três meninos e uma menina, os garotos R, I e C e  
39 a garota V. O R começou a contar sobre um presente que havia ganhado, e todos eles estavam  
40 bastante curiosos para ver o tal presente, foi quando o R disse que era uma caixa de som  
41 pequena, que cabia no seu bolso, de imediato C perguntou se ele havia trazido a caixa pra  
42 aula, e quando ele disse que sim todos na mesa se animaram, sorriram e faziam sons com as  
43 mãos na mesa, o garoto I disse que tinha um pen drive com bastante música, e o garoto R logo  
44 disse que tinha um também com 4GB de memória, e o garoto I respondeu o meu tem 10GB, e  
45 R e C começaram a sorrir dele batendo na mesa e repetindo, mentiroso, mentiroso, mentiroso,  
46 C completou dizendo, nem existe pendrive de 10GB, e I confirmou existe sim, existe sim, R  
47 entrou na conversa dizendo, não existe não você está é mentindo e vai ficar com a boca preta,  
48 e I respondeu, não vou não, minha boca é normal, e C complementa dizendo: e com a perna  
49 curta, I com aquela expressão sem graça só responde não vou não, R rapidamente muda de  
50 assunto e pergunta que música C gosta de ouvir, e a garota V entra na conversa dizendo que  
51 gosta das músicas das Chiquititas, C sem pensar duas vezes diz: epa, fique calada que aqui é  
52 conversa de homens, e ela se cala e fica com uma expressão triste, R diz que gosta de rap e I  
53 já pergunta se ele conhece um rap e canta um trecho, ele diz que não conhece e continuam a  
54 cantar músicas para ver se o outro conhece, enquanto C e I cantam, R levanta de vagar da  
55 mesa e abre e fecha a porta, depois volta correndo pra mesa, e os meninos ficam todos com  
56 expressão de expectativa de o professor ou alguma outra pessoa ter entrado na sala, depois  
57 daquele silêncio que eles não ouvem ninguém dar bom dia, C pergunta: *quem chegou*, e  
58 ninguém fala nada, R começa a sorrir mas também não diz que foi ele quem abriu e fechou a  
59 porta. Em seguida o professor E entra na sala e dá bom dia aos alunos, junto com a professora  
60 Y e seu filho. O professor E e a professora Y também tem baixa visão. Ao entrarem na sala já  
61 foram dividindo as crianças em duas salas por conta dos níveis em que eles se encontram, R e  
62 I já conseguem escrever algumas palavras em braile, já V e C ainda estão conhecendo os  
63 pontos das letras e pegando ritmo nos estudos, daí em diante fiquei acompanhando as

64 atividades de R e I que ficaram na sala com a professora Y escrevendo palavras dissílabas e  
65 trissílabas na maquina braile, os meninos ficam em uma espécie de disputa pela atenção da  
66 professora e por ver quem consegue datilografar primeiro as palavras, mas ainda não  
67 conhecem todos as letras e pedem auxilio da professora perguntando quais pontos  
68 representam referida letra, quando um deles conhece os pontos já fala rapidamente antes da  
69 professora responder para que o outro perceba que ele sabe mais, logo chega a TO<sup>5</sup> chamando  
70 eles para o lanche, R vai logo levantando, saindo da sala e se direcionando a cantina sozinho,  
71 já I espera pelo auxílio de alguém porque não gosta de andar sozinho, V já está na porta da  
72 outra sala esperando por alguém que fosse pega-la, e eu dou o braço pra ela, vamos juntas  
73 com I perto de nos mas sem segurar na minha mão ou braço, eles não conversam entre si, vão  
74 calados por todos o percurso, chegando na cantina R e C já estão juntos e comendo, levo I pra  
75 pegar sua comida e V senta e pede que eu traga pra ela, C e R comem rápido e já chamam I  
76 para a brinquedoteca, mas vão saindo e se direcionando pra lá e I não gosta de andar sem o  
77 auxilio de alguém, os meninos continuam chamando, gritando da porta da brinquedoteca e  
78 batendo palma para que I chegue até eles, ele resolve levantar e ir devagar segurando nas  
79 paredes e seguindo a palma dos meninos, a brinquedoteca é bem próxima da mesa da cantina  
80 em que eles estavam comendo, quando I entra na brinquedoteca R fecha a porta, e eles  
81 começam a brincar e gritar, poucos minutos depois ouço I falando que não esta conseguindo  
82 abrir a porta, logo me levanto da mesa e vou até a porta da sala, I já esta angustiado e pedindo  
83 para os meninos abrirem a porta, R e C começam a dizer que estão presos e I fica muito  
84 agoniado, eu tento auxilia-los mas logo R abri a porta sorrindo dos amigos que ficaram  
85 preocupados, ele havia fechado propositalmente para que os outros se preocupassem, I estava  
86 com uma expressão de desespero, já C levou na brincadeira, os meninos se direcionaram  
87 todos três para a sala de aula, mas I resolveu voltar do meio do caminho e sentar comigo e  
88 com V, que ainda estava lanchando, na mesa da cantina, I diz: vamos tia? E eu respondo que  
89 V ainda esta comendo e que precisamos espera-la, I coloca o queixo na mesa e nos espera,  
90 quando V termina levantamos e nos direcionamos até o bebedouro, V pede para beber água,  
91 quando estamos nos aproximando I exclama chegamos V, e ela ainda não identificou o  
92 bebedouro, coloco a mão dela sobre a torneira e ela então percebe que já estamos no  
93 bebedouro. Chegando na sala R e C estavam sentados conversando, coloquei os meninos e  
94 fiquei esperando o professor para falar sobre a próxima atividade, ele levou R e I para a  
95 informática, e V e C ficaram com a professora Y na outra sala.

---

<sup>5</sup> Tia do ônibus



96 Chegando lá, R e I foram fazer o teste do teclado, que é um aplicativo do computador em  
97 que a criança aperta as teclas e o computador diz que tecla ele apertou, e eles logo cansam  
98 daquele aplicativo e pedem para o professor colocar um jogo, mas como já esta quase na hora  
99 de ir embora o professor pede pra que eles continuem no teste e diz que no próximo dia que  
100 eles vierem já vão começar a aula pela informática.

101 A TO logo aparece na sala para busca-los, ela bate na porta chama as crianças e elas vão  
102 saindo das salas e pegando no braço dela ou do colega que já tiver de braço dado com ela, e  
103 vão todos juntos para o ônibus.

#### 104 ➤ **Dia 26 de outubro de 2017**

105 Terceiro dia de observação, segunda experiência com os meninos, o professor E  
106 dividiu os grupos e pude perceber que R e C sempre sentem essa separação, pois são os dois  
107 mais ativos e querem estar juntos, mas isso impossibilita o trabalhando do professor por conta  
108 da diferença de nível dos dois alunos, R e I foram para a sala de informática, um no notebook  
109 e o outro no computador. Fizeram o teste de teclado novamente, mas como já sabem o lugar  
110 de algumas letras logo se cansam daquela atividade e querem passar para uma outra. Os  
111 meninos são amantes da matemática, fazem conta como ninguém, pediram pra que nós  
112 mudássemos para o jogo de matemática, que é chamado de campeonato, e tem varias fazes  
113 como: campeonato entre amigos, campeonato no bairro, campeonato da cidade, e assim vai  
114 aumentando o nível de dificuldade, o computador ler a operação e eles têm que digitar o  
115 resultado, os meninos passam de fase com uma facilidade enorme, a dificuldade deles é só  
116 não conhecer o teclado tão bem, e confundir as vezes alguns números, começo a perceber que  
117 há uma disputa entre quem vence o campeonato primeiro, eles conseguem se concentrar nas  
118 respostas e ainda assim ouvir a operação do outro e saber se estão indo mais rápido ou mais  
119 devagar que ele, I vence o campeonato e R ainda está jogando, os dois ficam atentos para a  
120 próxima equação a ser dada pelo computador, quando o computador termina de falar I da a  
121 resposta pra R e ele dúvida e conta nos dedos, novamente o computador da mais uma  
122 equação, I novamente responde e R afirma que está errado, faz as contas e percebe que I  
123 estava certo mais uma vez, lá se vem a 3 e última equação do campeonato, I da a resposta  
124 mais uma vez, e para minha surpresa R não pensa duas vezes e coloca a resposta que I  
125 forneceu a ele, e então a máquina diz: Parabéns! você venceu o campeonato do bairro, e os  
126 dois festejam juntos, hora do intervalo, I se mostra mais cauteloso quanto ao percurso, já R sai  
127 sem bengala caminhando em direção à cantina, peço permissão para I para abrir a sua bolsa e  
128 pegar a sua bengala, para que ele pudesse andar sozinho também, sem ter que segurar no meu

129 braço, ele logo responde: ah não tia. Mas quando coloco a bengala na mão dele, ele consegue  
 130 andar pela escola com mais confiança e sem o meu apoio, chegamos na cantina, R já está com  
 131 seu prato na mesa e comendo ao lado de C, V como todas as vezes calada e quieta do lado  
 132 deles, I quando pega seu prato volta e senta do outro lado da mesa, de frente para os meninos.  
 133 Quando R e C terminam de comer chamam I para ir para a brinquedoteca, e I responde:

134       *- vou nada vocês vão bagunçar tudo e depois colocar culpa em mim, eu vou ficar aqui.*

135       C e R saem em direção a brinquedoteca, mas não se demoram por lá, logo vão para a  
 136 sala ficar conversando e falando sobre o dia a dia deles, enquanto isso ficamos na mesa do  
 137 lanche eu, V e I, V me pergunta como é a faculdade, eu tento explicar pra ela e ela logo me  
 138 pergunta como são as provas, fiquei meio embaraçada mas tentei dizer que as provas eram  
 139 uma atividade normal em que os professores avaliavam o que nos tínhamos aprendido daquilo  
 140 que eles nos ensinaram, e ela diz que queria fazer uma prova, mas que tinha medo, perguntei  
 141 o porque mas ela não soube responder, terminou de comer e fomos para a sala, no caminho  
 142 ela pediu pra beber água, paramos no bebedouro, ela bebeu e fomos em direção a sala, I não  
 143 trocou uma palavra com ela e nem comigo durante todo esse tempo, quando chegamos na sala  
 144 os dois voltaram para as atividades em que estavam e logo a TO vem busca-los para ir para  
 145 casa, quando os quatro saem das salas vão logo pegando um no braço do outro, menos da V  
 146 que pega no braço da tia os meninos não interagem muito com ela.

147       ➤ **Dia 31 de outubro de 2017**

148       Mais um dia de observação, hoje os meninos chegaram mais alegres e sorridentes do que  
 149 nunca, chegaram dando aquele bom dia bem alto e dizendo que a TO estava contando  
 150 histórias engraçadas. Os meninos puxaram as cadeiras e sentaram. V disse de lá:

151       *Senhorita onde você esta?*

152       *Eu: Eu estou aqui V, e fui me aproximando dela.*

153       *V: a senhorita viu o meu brinco?*

154       *Eu: Nossa que lindo V, ele tem o formato de uma boca.*

155       *V: é, uma boca.*

156       *Eu: E a sua pulseira também esta linda, ou melhor, você esta toda linda hoje.*

157       *V: foi a minha mãe que me arrumou a senhorita gostou?*

158       *Eu: gostei muito, ta lindíssima.*

159       *V: obrigada.*

160       A professora I ainda não havia chegado então o professor R resolveu dividir os meninos e  
 161 me deixar com R e I, já que eu estava os acompanhando, e levar V e C para a sala de  
 162 informática. O professor arrumou as maquinas de datilografia e pediu para que eu fizesse um

163 ditado com os meninos, com palavras dissílabas e trissílabas, e me orientou a olhar nos  
 164 desenhos escritos na sala para auxiliar os meninos quando eles não soubessem os pontos de  
 165 alguma letra, confesso que fiquei um pouco insegura por não conhecer todo o alfabeto braile,  
 166 mas ele disse que os meninos iam me ajudar, e que eu iria aprender junto com eles, e então foi  
 167 para a outra sala, e desejou boa aula para os meninos que no início ficaram com um expressão  
 168 de desânimo, me parece que eles queriam ficar com o professor ao invés de ficar comigo,  
 169 então logo dei início ao ditado.

170 *Eu: Vamos lá meninos? O que vocês querem escrever?*

171 *R: Eu quero escrever meu nome Duda.*

172 *I: eu quero escrever bola.*

173 *Eu: então vamos começar pelo nome de vocês para que depois eu possa saber de quem*  
 174 *era a folha, tá bom?.*

175 *I: ah não tia, mas eu não quero escrever meu nome.*

176 *R: vou começar o meu.*

177 *Eu: Porque I? Seu nome é tão lindo, é tão bom colocar o nosso nome nas coisas que*  
 178 *fazemos, para que todos que tenham acesso possam saber quem é o autor dessas escrituras.*  
 179 *(risos)*

180 *R: Duda como é mesmo a letra M.*

181 *I: Mas eu não sei escrever meu nome tia.*

182 *Eu: nos te ajudamos, né R?*

183 *R: é I, a gente te ajuda.*

184 *I: R, a letra M é ponto 1, ponto 3 e ponto 4, né tia ?*

185 *Eu: deixa a tia ver aqui, porque a tia não tem certeza.*

186 *R: Eita Duda, (risos) ele tá certo?*

187 *Eu: esta sim,(palmas) muito bem I, viu como a gente vai se ajudando, e eu vou*  
 188 *aprendendo com vocês.*

189 *I: então como é a letra I tia?*

190 *R: Não fala Duda, não fala, eu vou fazer pra ele.*

191 *Eu: Não R, ao invés de você fazer pra ele, diga pra ele os pontos.*

192 *R: então tá, é ponto 2 e ponto 4, né Duda?*

193 *Eu: Muito bem R, isso mesmo, ponto 2 e 4.*

194 *I: (risos) ah, agora eu aprendi, não vou mais esquecer essa não tia, pode deixar.*

195 Os meninos terminaram de escrever o nome deles e começaram a escrever bola, ambos  
 196 já conheciam todas as letras da palavra bola. Continuamos o ditado, e percebi que os meninos  
 197 estavam achando um pouco cansativo e desinteressante pela expressão deles, resolvi fazer  
 198 umas charadas, como por exemplo: qual o bicho dos olhos enormes e o bico bem pequeno que  
 199 quando estamos dormindo ainda está acordado, eles começaram a perguntar qual tia, qual  
 200 Duda, e eu disse que eles teriam que adivinhar, eles começaram a sorrir, logo I disse que era  
 201 uma coruja e na hora de escrever a letra U e a letra J pediram a minha ajuda, percebi que os  
 202 meninos se animaram bastante com a brincadeira e continuei fazendo charadas para eles  
 203 escreverem o resultado. Com a brincadeira nem lembramos do horário do lanche, e logo a TO

204 bate na porta nos chamando, quando saímos da sala todos já tinham ido para a mesa da  
 205 cantina, estávamos realmente tão entretidos que nem percebemos a hora, quando chegamos na  
 206 cantina V foi logo me chamando pra sentar ao lado dela, e perguntando como era o meu  
 207 cabelo, eu fui logo soltando eles e mostrando pra ela, falando e colocando as mão dela sobre  
 208 eles, os meninos perguntaram se ele era grande ou pequeno, R foi logo dizendo de lá:

209 *É pequeno né Duda, eu sempre te abraço e não sinto ele e a chave do seu carro.*

210 *Eu: é sim R, e na maioria das vezes esta amarrado.*

211 *C: o cabelo da minha mãe é bem grande, tão grande que as vezes vou pegar na mão dela e*  
 212 *pego é no cabelo.*

213 *R: Meu Deus C,-com uma expressão de surpresa- o cabelo da minha mãe não é tão grandão.*

214 *V: o meu é grande, mas não é como o da sua mãe C, a minha mãe penteia o meu cabelo todo*  
 215 *dia.*

216 *Eu: que legal V você gosta que ela faça penteados?*

217 *V: gosto senhorita, acho muito bonito, eu estou muito bonita, meu cabelo é bonito. – com um*  
 218 *sorriso enorme estampado no rosto-*

219 *Professor E: vamos pra sala crianças vocês estão demorando demais no lanche.*

220 *C: Vamos professor.*

221 *R: Vamos professor eu já terminei.*

222 *I: Eu também, a gente fica é esperando a V que demora demais.*

223 *V: eu ainda estou comendo professor.*

224 *Professor E: pois apressa ai V. Duda fica com ela que eu vou retornar para a sala com os*  
 225 *meninos.*

226 *Eu: Tudo bem professor, V agora vou deixar você comer porque se nos conversarmos você*  
 227 *demora tudo bem?*

228 *V: tudo bem, senhorita.*

229       Continuei sentada esperando a V comer, ela realmente não tem a agilidade que os  
 230 meninos tem com a colher, e a comida era sopa, ela tinha bastante dificuldade pra levar a  
 231 colher cheia de comida a boca. Sempre quando ela acabava de comer pedia pra eu levar o  
 232 prato dela a cantina e quando eu retornava já colocava a mão no meu braço, e pedia para que  
 233 eu a levasse para o bebedouro, ela não anda sozinha nos corredores como os meninos, I se  
 234 sente inseguro de andar sozinho sem as muletas, mas se for preciso ele consegue chegar ate o  
 235 bebedouro ou até a sala. Quando retornamos para a sala R e C estavam em um computador e I  
 236 no outro, estavam jogando, o professor pediu pra que eu só observasse os meninos que ele iria  
 237 tentar trabalhar a coordenação motora e matemática com a V. eles foram para a outra sala e eu  
 238 fiquei com os meninos. C em momento algum consegue acompanhar o raciocínio dos  
 239 meninos, ele ainda precisa do apoio do material dourado para fazer as operações, e o R e o I já  
 240 fazem de cabeça com muita facilidade, as vezes quando um demora a responder o outro já  
 241 responde de lá então, não dava tempo do C participar das operações, ele ficava só ouvindo e  
 242 sorrindo com os meninos quando a soma dava certo, R resolveu trocar o jogo, mudou para um

243 que é uma caixa, o computador pede pra eles apertarem uma letra para que a caixa possa ser  
 244 aberta, quando a caixa abre ele continua pedindo letras para que ela se mantenha aberta, se  
 245 errar a letra a caixa começa a se fechar e dizer: aperte a letra X para que a caixa não se feche e  
 246 da um tempo, que é pequeno, se não souber onde esta a letra ou errar ao apertar, a caixa fecha  
 247 e o jogo tem que ser iniciado novamente, R afasta para o lado e deixa C no computador para  
 248 jogar o jogo da caixa, quando o computador pede uma letra R vai tentando explicar para o  
 249 amigo onde ela esta, como são poucas as letras que C conhece no teclado, R pega na mão dele  
 250 e vai mostrando algumas teclas mais fáceis como o enter, o esc, pra mostrar mais ou menos o  
 251 caminho que ele percorre pra chegar a uma letra, eu tento ficar o mais distante possível para  
 252 não interferir nesse processo, quando I percebe que R esta ensinando C ele levanta do outro  
 253 computador e vai para perto dos meninos, e assim ficam auxiliando C na descoberta das  
 254 letras. Então chegou a TO para busca-los, e eles não queriam sair do computador, R me  
 255 perguntou logo quando era a próxima aula, e eu disse pra ele que só iríamos nos ver  
 256 novamente na próxima terça-feira porque na quinta seria feriado, e ele e C fizeram uma cara  
 257 de tristeza, mas R foi logo levantando, me dando um abraço e dizendo tchau Duda até terça-  
 258 feira. E os outros meninos disseram de lá, Tchau tia. Quando cheguei na porta que a V esta  
 259 saindo da outro sala, ela disse:

260 *Senhorita é você?*

261 *Eu: Sim V.*

262 *V: até a próxima aula, já estou com saudades- e foi logo coçando os olhos querendo chorar-*

263 *Eu: Mas não chore não que daqui a pouco você esta aqui de novo e matamos essa saudade.*

264 E foram logo pegando no braço da TO e indo embora, eu dei a mão para a V e fui com ela até  
 265 o ônibus. Chegando lá me despedi de todos e voltei.

266 ➤ **Dia 7 de novembro de 2017**

267 Os meninos chegaram alegres e eufóricos, pareciam que estavam á um mês sem pisar no  
 268 CEE. Chegaram dando bom dia para todos que encontraram no caminho até a sala, quando  
 269 entraram na sala foram logo sentando e perguntando ao professor o que eles iriam fazer hoje,  
 270 Professor E foi dando bom dia e perguntando como tinha sido o feriado deles, eles  
 271 responderam que foi legal, mas que não teve nada de diferente dos outros dias, e contaram o  
 272 que aconteceu no feriado. O professor E como de costume dividiu os meninos e disse que  
 273 ficaria com V e C no computador pra exercitar a leitura das letras escritas no teclado e me  
 274 pediu para que trabalhasse com o material dourado com os meninos também na disciplina de  
 275 matemática.

276 O professor me entregou o material dourado, e me mostrou como gostaria que eu trabalhasse  
 277 com os meninos, pediu para que eu montasse contas de adição e subtração para que os  
 278 meninos desenvolvessem, e disse que qualquer duvida era pra eu chama-lo na sala ao lado.  
 279 Quando o professor mudou de sala com V e C, R foi logo dizendo:

280 *Duda me da aqui deixa que eu separe as dezenas das unidades.*

281 *I: eu quero ajudar também.*

282 *Eu: então vamos fazer assim, cada um de vocês vai pegar 5 dezenas e 10 unidades, e quero*  
 283 *que vocês coloquem as dezenas na mão direita e as unidades na mão esquerda.*

284 *R: pode deixar Duda.*

285 *I: já estou fazendo isso.*

286 *Eu: devagar pra não derrubarem o material no chão.*

287 Quando os meninos separaram os materiais eu fui falando operações pra que eles  
 288 montassem e descobrissem os resultados, mas os meninos são muito rápidos porque já fazem  
 289 as operações de cabeça, então passei a usar as centenas também, e eles sempre se ajudando,  
 290 perguntaram se podiam fazer juntos ao invés de cada um com a sua, e fui passando as  
 291 operações e eles colocando próximos das mãos. No meio das operações I percebeu a chuva, e  
 292 R pediu pra que eu chegasse perto dele, quando encostei ele tocou na chave que estava  
 293 pendurada na minha cintura e disse: eita tia Duda agora você vai na chuva de moto. E eu  
 294 disse: verdade R. mas daqui a pouco ela passa. E continuamos a brincar. Em um certo  
 295 momento passei a operação e R colocou nas mãos do I, ele já estava cansado, ou sem querer  
 296 continuar mesmo, só disse para o R resolver, e ficou brincando com as unidades, R não  
 297 demorou e deu logo o resultado, quando ele percebeu que I não estava participando ele deu  
 298 um grito.

299 *R: Vamos I, você nem olhou as suas peças.*

300 *I: eu já olhei sim.*

301 *R: então era quanto?*

302 *I: já esqueci, você misturou tudo.*

303 *R: então quanto tem aqui?*

304 Montou uma operação para I e ficou aguardando a resposta.

305 *I: tem 27.*

306 *R: muito bem, gostei de ver. Agora pra você tia Duda, quanto te aqui?*

307 *Eu: 32.*

308 *R: tia Duda o I é mais rápido que você.*

309 *I: agora deixa eu montar uma pra ela, quanto tem aqui tia Duda?*

310 *Eu: 45.*

311 *I: deixa eu conferir.*

312 Pegou da mina mão e contou todas as peças.

313 A coordenadora do CEE, J, entrou na sala dando bom dia aos meninos, I abriu um sorriso  
314 e respondeu o bom dia, R se debruçou sobre a mesa e deu um bom dia mais acanhado.

315 *J: Bom dia senhor R, precisamos conversar, ouvi falar que o senhor não está indo à escola*  
316 *ainda.*

317 *R: Mas aquele professor não passa nada pra mim, quer que eu fique lá sem fazer nada e*  
318 *ainda queria me proibir de ir ao banheiro.*

319 *J: É verdade isso? Porque se for, nós teremos que ir conversar com a direção da escola. Mas*  
320 *você está indo direitinho ou não?*

321 *R: Não (risos), fui só ontem... Minha mãe não podia me levar os outros dias, estávamos*  
322 *sozinhos em casa e não dava pra levar meus irmãos com a gente.*

323 *J: Depois vai lá na sala pra gente conversar.*

324 *R: Tá bom tia J, e você como está? Tá bonita hoje com esse vestido.*

325 ela estava próximo da cadeira em que ele estava sentada, e ele abraçou ela e já percebeu que  
326 ela estava de vestido.

327 *J: e você I como está? Está indo para a escola?*

328 *I: Não tia, a diretora disse que não é para eu ir mais porque não tem estagiário.*

329 A coordenadora virou para mim e disse que agora as escolas se apropriam desse discurso  
330 para dispensar os meninos, e que esse ano realmente o prefeito não ia mais pagar estagiário,  
331 então os meninos praticamente perderam o ano inteiro.

332 *J: então tá bom, vão lá na sala depois que esses dias estou preparando uns documentos e*  
333 *quase não estou vendo vocês. Tchau*

334 *R e I: Tchau tia J. depois nós vamos lá.*

335 Vamos para o intervalo meninos, já está na hora, disse a tia da merenda que foi quem veio  
336 chamar os meninos hoje, dessa vez quando chegamos na porta os outros meninos já tinham  
337 ido para o pátio, fomos só nós três, R percebeu logo que a chuva estava forte e perguntou  
338 como eu faria para ir embora, eu disse que ficaria lá esperando a chuva passar, e ele: Tadinha  
339 da Duda, viu, isso que dá você tem o carro e só quer vim de moto. Eu comecei a sorrir.  
340 Quando chegamos perto da cantina R falou bem alto:

341 *Dona Maria cadê a senhora? Estou com saudades!*

342 *Dona Maria: Estou aqui na cantina rapaz, vem que o lanche de hoje está uma delícia.*

343 *R: e o que a senhora fez?*

344 *Dona Maria: macarronada.*

345 *R: ah então já vou pegar o meu prato. E como foi o seu feriado?*

346 *Dona Maria: foi bom demais, fiquei só em casa descansando. E o seu? Fez o que de bom?*

347 *R: nada de diferente, só brinquei na minha casa com os meus irmãos.*

348 *Dona Maria: Ah, mas brincar com os irmãos é bom demais não é?*

349 *R: é pode ser. Hum, se a macarronada tiver boa como está cheirosa...*

350 *Dona Maria: Já está sentindo o cheiro né. (risos)*

351 Enquanto R conversava ia em direção ao local onde se pega os pratos, pegou seu prato  
 352 sentou-se perto dos meninos e disse que tinha que comer rápido porque a J tinha pedido pra  
 353 que ele fosse na sala dela conversar, e ele não podia demorar se não acabava a hora do lanche.

354 De repente V vira em minha direção e pergunta se eu estou ouvindo a chuva, eu  
 355 respondo que sim, e ela me pergunta se eu estou com frio já afirmando que ela esta, eu dou o  
 356 meu braço para ela e digo que não estou por conta do casaco que estou vestida, e ela diz que a  
 357 mãe dela se esqueceu de colocar o casaco dela, mas que o tio E já informou que vai desligar a  
 358 central um pouco quando retornarem para a sala, ela diz que hoje se vestiu sozinha sem a  
 359 ajuda da mãe dela, que a roupa estava separada em cima da cama e ela pegou e se vestiu.

360 Quando a comida é refeição ao invés de lanche V demora bastante a comer, porque  
 361 ainda leva a colher a boca com bastante cautela. Os meninos logo terminam e seguem para a  
 362 sala de aula. Quando V termina de comer sigo com ela para o bebedouro e ela faz a mesma  
 363 rota de volta para a sala de aula, sempre segurando firme no meu braço e seguindo as minhas  
 364 orientações, eu digo a ela que no nosso próximo encontro ela vai para o bebedouro sozinha,  
 365 que eu vou ficar do lado dela e ela vai tentar ir sozinha, ela concorda mas diz logo que eu não  
 366 posso ficar muito distante dela porque ela pode se bater em alguma coisa.

367 Quando chego na sala de aula percebo que R ainda não voltou da sala da  
 368 coordenadora, e vejo I brincando sozinho com os blocos, informo que agora eles poderiam  
 369 trocar de sala para ir para informática, e ele se anima todo, e vai logo pegando a mochila e  
 370 trocando de sala. Quando estamos no corredor vejo R saindo da sala de J, e aviso que estamos  
 371 indo para a computação, ele joga logo os braços pra cima e comemora, R anda por toda a  
 372 escola sem bengala e sem auxílio de ninguém, vai tocando nas paredes e contando as portas,  
 373 sabe quais são todas as portas que esta tocando, e vem andando rápido para a sala de  
 374 informática, já entra na sala dizendo: Bom dia pessoal, chegamos! E o professor E responde:

375 *vieram para a aula de leitura?*

376 *R e I: Não! A tia Duda disse que poderíamos vim para a informática, porque nos saímos*  
 377 *muito bem na matemática.*

378 *E: ah, então quer dizer que vocês querem jogar é?*

379 *R: Sim professor querido, coloca o nosso joguinho, não, na verdade eu quero tentar colocar*  
 380 *sozinho. Tia Duda pôe o I no computador que eu vou ficar no notebook.*

381 *E: Hoje não da R, estou trabalhando com a V algumas letras, fiquem vocês dois no*  
 382 *computador.*

383 *R: Ah não professor, leva V para aprender na cela.*

384 *E: negativo, brinca ai no computador com o I, depois você vem para o notebook.*

385 *R: então afasta ai I pra eu colocar o jogo.*



386 I afasta para o lado e R toma conta do teclado, eles escolhem o jogo de matemática, e os dois  
387 dizem a resposta da conta, isso acontece durante uns 7 minutos, e logo R pergunta se I quer  
388 jogar o joguinho de adivinhação e I topa, R mexe no teclado e não consegue mudar de jogo,  
389 tenta mais uma vez e não consegue novamente. Ele me chama e pede para que eu coloque  
390 para eles o jogo, eu pergunto quais as letras que dão acesso ao jogo e ele vai me dizendo  
391 passo a passo, mas tem uma letra que ele estava errando por isso não conseguiu colocar  
392 sozinho, eu pergunto para o professor E e ele me informa, quando eu coloco os dois começam  
393 a dançar na cadeira, e I diz:

394 Eita tia mais eu gosto de dançar oh.

395 Eu: é mesmo I? eu gosto bastante também.

396 I: quando a minha mãe liga o som eu fico la na cozinha dançando, eu pedi pra ela comprar  
397 uma caixinha de som pra mim, igual a do R. Ela disse que quando tiver um dinheiro vai  
398 comprar.

399 R: Quem comprou minha caixinha de som foi o meu avô, ela é muito legal, quando a sua mãe  
400 comprar você traz para o CEE para o tio colocar musicas em um pen drive pra você. Você tem  
401 pen drive I?

402 I: eu tenho la na minha casa, um pen drive novinho que o amigo da minha mãe me deu, mas  
403 não tem onde tocar, ele já tem musicas sabia R?

404 R: e ele já te deu com musicas?

405 I: foi, ele já tinha ele e me deu com muitas musicas. Ele disse que tem umas 200 musicas ou é  
406 2 mil. (risos)

407 R: legal, traz amanhã que eu vou pedir pra mãe pra eu trazer a caixinha pra gente ve as  
408 musicas que tem nele.

409 I: então tá, eu vou trazer. Mas tu vai deixar eu mexer na tua caixinha R?

410 R: Eu deixo, mas só se tu lavar as mão, não pode pegar nela com as mão sujas não.

411 I: ta bom, eu vou lavar.

412 Os meninos voltam para o jogo e se divertem pra caramba, muita coisa eles não sabem  
413 decifrar, e outras eles não sabem escrever o nome e pedem o meu auxilio, quando eles erram  
414 caem na gargalhada, assim a brincadeira tem duração ate o a hora que a TO abre a porta da  
415 sala e os chama para ir para casa, eles já levantam depressa deixam o computador sem nem  
416 pensar duas vezes e se dirigem a porta, I ainda vai a outra sala buscar suas coisas, R já corre  
417 logo passa na frente da TO e senta em um banquinho que fica próximo ao portal onde fica  
418 sempre sentada a vigia, enquanto as outras crianças vem da sala ate o banco ele fica  
419 conversando com quem tiver por lá, V sempre me pede para que eu acompanhe-a até o portão,  
420 e diz que vai ficar com saudades, hoje não conteve as lagrimas na despedida, eu me controlo  
421 para não chorar também e a consolo dizendo que logo mais ela estará de volta e que vamos  
422 conversar bastante na hora do intervalo, ela abre um sorrizão e diz: até logo senhorita. Eu  
423 respondo seu até logo e eles todos seguem em direção ao ônibus com a motorista e a TO.

424 ➤ **Dia 9 de novembro de 2017**

425 Hoje cheguei um pouco atrasada, quando cheguei no portão e perguntei para a vigia se os  
 426 meninos já tinham chegado ela disse que eles já estavam era todos em sala de aula, fui  
 427 depressa para a sala, quando entrei os meninos perguntaram quem estava entrando, R foi logo  
 428 dizendo que era eu, e que hoje eu estava de carro porque ele estava ouvindo o barulhos das  
 429 chaves penduradas na minha cintura.

430 *R: Bom dia tia Duda, chegamos primeiro que a senhora hoje, a motora veio foi voando*  
 431 *(risos).*

432 *Eu: Bom dia crianças, eu acabei me atrasando porque tive que pegar o carro na casa do*  
 433 *meu pai com medo de chuva. (risos).*

434 *R: agora sim a senhora foi esperta, tem que vim de carro todos os dias.*

435 *Eu: pois é, cadê o professor E?*

436 *R: foi ali na outra sala pegar um material para trabalhar conosco.*

437 *Eu: ah sim, e vocês como estão hoje?*

438 *R, V: Estamos bem tia.*

439 *I: é estamos bem.*

440 *C: Eu to muito bem tia Duda.*

441 *Eu: que bom, crianças.*

442 O professor entra na sala de aula e me deseja bom dia, e pede para que eu fique com R e I  
 443 nas maquinas de datilografar, diz que hoje eles irão escrever palavras e depois tentar ler as  
 444 palavras que escreveram. Os meninos se animam, eles gostam de escrever na maquina. R vai  
 445 logo se levantando e pegando as maquinas para colocar em cima da mesa nos lugares onde ele  
 446 e I estão sentados, e pegando os papéis, ele me diz logo que não precisa eu colocar que ele já  
 447 aprendeu e quer colocar sozinho, eu espero ele colocar o papel e começo o ditado, pedi para  
 448 eles escolherem uma história, para que a partir dela eu pudesse pegar algumas palavras, mas  
 449 ele preferiram que eu escolhesse, então decidi que escreveríamos palavras da história da  
 450 chapeuzinho vermelho primeiro, e os meninos perguntaram qual era a primeira palavra, e  
 451 então eu ditei as palavras: dia, menina, estrada, casa, e fui ditando, quando os meninos não  
 452 lembravam como se escrevia uma letra eles me perguntavam e eu respondia ou eles mesmos  
 453 ensinavam um ao outro, na verdade na maioria das vezes eles mesmos respondiam ao outro,  
 454 teve momentos em que os meninos perguntaram tia Duda e a palavra tal, também se encaixa  
 455 na história, afinal o lobo come a Vovó, e eu disse que sim, mas que a palavra vovó tem acento  
 456 e que eles ainda não estavam trabalhando com palavras que tinham acento.

457 O ditado pra eles é bem interessante porque eles forçam a memória pra lembrar de  
 458 como se escreve algumas letras. E então chegou a hora do intervalo, levei os meninos para a  
 459 cantina e chegando lá avistamos a mãe do C que está com um barrigão, ela falou com ele e os

460 meninos ficaram perguntando se era a mãe dele, R perguntou logo se ela já tinha ganhado  
461 bebê, ela disse que não, e ele disse que estava demorando, perguntei para C se ele estava  
462 ansioso para a chegada do bebê, e ele disse que mais ou menos, deixei os meninos comendo e  
463 fui ao banheiro, no caminho de volta encontrei com o professor E que queria falar comigo  
464 sobre a próxima tarefa dos meninos, fomos a sala pra pegar as folhas que ele havia escrito  
465 algumas palavras em braile para que os meninos fizessem a leitura, aproveitamos e  
466 conversamos um pouco sobre a ida dos familiares dos meninos no CEE e ele disse que não é  
467 frequente não, que as vezes a mãe do C vai para ir embora com ele no ônibus mas é a única,  
468 que ele gostaria de ter como ir na casa dessas mães fazer-lhes uma visita e conversar um  
469 pouco sobre os meninos mas que com os muito atendimentos isso se torna inviável, quando  
470 olhei no relógio já estava na hora de buscar os meninos novamente, quando sai da sala me  
471 deparei com R já chegando na sala, passei por ele sem falar nada e ele foi logo perguntando  
472 para onde eu iria, eu disse que iria buscar as outras crianças, peguei I e V, C veio com a mãe  
473 dele, parei pra beber água com V e I seguiu sozinho, foi a primeira vez que eu vi ele ir  
474 sozinho para a sala, mas R estava na porta falando alto e ele estava indo pela localização da  
475 voz dele. Quando deixei V na outra sala ela me abraçou e disse que ficaria com saudades, e eu  
476 disse que daqui a pouco eu a pegaria de novo e faria questão de eu mesma leva-la para o  
477 ônibus, então ela se animou e entrou na sala. Enquanto isso os meninos estavam sentados  
478 conversando, quando eu entrei eles foram logo perguntando qual seria a história do ditado  
479 agora, e eu disse que nos iríamos mudar a tarefa, disse que agora nos iríamos ler algumas  
480 palavras que o professor E tinha escrito para eles. Os meninos não gostaram muito da notícia,  
481 foram logo dizendo que não conseguem fazer a leitura, eu disse que faríamos juntos, então  
482 eles contavam os pontos e quando não sabia que letra era pediam pra eu dizer, fiz isso com  
483 duas ou três palavras, mas logo resolvi mudar a maneira de mostrar-lhes que letra era,  
484 procurei uma sela braile que o professor E utiliza, e peguei alguns pontos, quando eles não  
485 conheciam a letra eu os perguntava quais pontos tinham na letra e representava na sela braile,  
486 algumas letras eles conseguiam identificar na sela, outras ainda tinham dúvidas, e poucas não  
487 sabiam mesmo dizer quais eram e essas eu lhes dizia, até que R pediu para que eu deixasse ele  
488 representar para I as letras que ele não conseguisse em uma palavra, dei a sela pra ele e ele  
489 ficou aguardando I perguntar por alguma letra, quando I perguntou ele há representou e  
490 entregou nas mãos dele, quando I acabou de ler a palavra disse que agora seria sua vez de  
491 representar para R, e eles se animaram, sorriam quando diziam uma posição errada para o  
492 colega, parece que a hora passou voando, quando fomos perceber já era hora de ir embora,  
493 quando a TO bateu na sala os meninos foram logo me entregando as folhas para que fossem

494 guardadas, peguei um lápis e fui marcar as palavras que ainda não tinham sido lidas por eles,  
 495 pois não deu tempo de terminar e acabei esquecendo que prometi de levar V para o ônibus,  
 496 enquanto estava distraída guardando as coisas ouço a voz dela perguntando por mim na porta  
 497 da sala ao lado, e fui correndo, pedindo desculpas pelo atraso, levei-a ate o ônibus, me  
 498 despedi de todo mundo e eles saíram conversando alto dentro do ônibus, as palavras que o  
 499 professor E escreveu para os meninos tem um espaço entre uma letra e outra e dois espaços  
 500 entre uma palavra e outra, pra que eles possam perceber melhor as letras e não se confundir,  
 501 eles ainda tem muita dificuldade para ler uma palavra sem espaço, e a dificuldade dos  
 502 meninos é só de saber que letra esta escrita porque na unção das letras para formar as palavras  
 503 eles são bem rápidos e não tem dificuldade.

504 ➤ **Dia 14 de novembro de 2017**

505 Hoje o dia amanheceu chovendo, chego no CEE e o ônibus escolar ainda não chegou,  
 506 entro na sala do professor E dou bom dia e ficamos lá aguardando a chegada das crianças,  
 507 quase 8:30 da manhã e nada do ônibus, não demora muito ele chega, mas dessa vez só trouxe  
 508 R, os outros não vieram para a aula, ele chega desanimado, e com jeito de quem esta com  
 509 sono, entra na sala vai logo puxando a cadeira, sentando e se debruçando sobre a mesa.

510 *TO: Bom dia pessoal, professor E o avô do R pediu pra que eu o senhor conversasse com ele*  
 511 *pra chamar atenção dele pois ele não quer escovar os dentes.*

512 *Professor E: Vixi R isso é verdade?*

513 R continua de cabeça baixa, debruçado em cima da mesa, e não responde ao professor.

514 *Professor E: em R me conta o que houve...*

515 *Eu: Bom dia R, como foi o seu final de semana?*

516 E R continua calado.

517 *Professor E: Você quer conversar R?*

518 Ele balança a cabeça em forma de afirmação.

519 *Eu: R o professor E é baixa visão lembra?*

520 *R: Ram, (risos) sim!*

521 *Professor E: comigo ou com a tia Duda?*

522 *R: com a tia Duda*

523 *Professor E: ta ok então, eu vou resolver umas coisas ali fora e já volto, pode ficar a vontade*  
 524 *ai para conversar.*

525 *Eu: Oi anjo, o tio E já saiu, eai, você quer conversar sobre o que?*

526 *R: Nada*

527

528 Ele ainda debruçado sobre a mesa passando as mãos nos braços.

529 *Eu: você esta com frio?*

530 *R: Um pouco*

531 *Eu: Então vou desligar a central.*

532 *R: não tia vai ficar calor*

533 *Eu: então vou colocar minha jaqueta em você, ela tem um capuz muito legal, eu uso ela*  
 534 *quando esta chovendo porque também fico morrendo de frio- R abriu um sorriso-.*

535 *R: como ela é tia Duda?*

536 *Eu: ela é bem comprida, tem um zíper na frente, e o capuz que eu falei pra voc. Vem coloca a*  
 537 *mão.*

538 *R: Mas a senhora vai ficar com frio*

539 *Eu: Vou não amor, eu vou abrir a porta um pouco e o frio vai amenizar.*

540 *R: ta bom*

541 *Eu: eai, agora esta melhor?*

542 *R: esta sim*

543 *Eu: agora vamos começar as nossas atividades?*

544 *R: ah não tia Duda, estou com sono, quase não dormi a noite por causa dos trovões, acordei*  
 545 *tarde e já estava atrasado e não deu tempo de fazer nada.*

546 *Eu: e você tomou café?*

547 *E: não!*

548 *Eu: então vou ver com as meninas o que tem ai pra lanchar.*

549 Sai da sala e fui providenciar o lanche dele, perguntei se ele queria ir comer na cantina ou  
 550 se gostaria que eu fosse levar pra ele na sala de aula mesmo, ele preferiu ficar por lá, depois  
 551 que comeu já estava bem mais disposto e perguntou o que iríamos fazer, eu disse que  
 552 chamaria o professor E para aplicar a atividade e ele concordou.

553 Quando o professor entrou na sala entregou pra ele uma folha com algumas palavras  
 554 escritas em braile para que ele fizesse a leitura, ele estava um pouco desanimado por estar  
 555 sozinho mas, fui fazendo brincadeiras com as palavras para descontrair um pouco, ele tinha  
 556 uma pequena dificuldade no reconhecimento de algumas letras, mas quando descobria a letra  
 557 a formação das sílabas e palavras se davam em um segundo. Ele conseguiu fazer a leitura de  
 558 todas as palavras, quando ele terminou perguntei se ele queria lanchar de novo, quando ele  
 559 disse que não perguntei se ele queria dar um tempo lá fora ou se queria passar direto para  
 560 outra atividade, e ele disse que só queria ir ao banheiro e já retornava para fazermos outra  
 561 atividade. R vai ao banheiro sozinho, sem bengala, e vai rápido, eu fiquei olhando da porta  
 562 para o ver indo. Quando ele retornou o professor nos entregou o material dourado, para que  
 563 exercitássemos a matemática dele, resolvi contar uma história para isso, contei a historia de  
 564 uma floresta com vários bichos, e depois que terminei a historia pedi pra ele me dizer quantos  
 565 bichos tinham na minha história, em pouquíssimo tempo ele já me disse quantos bichos  
 566 tinham, fiquei fascinada com a facilidade que ele tem de interpretar a história e saber quantos  
 567 bichos foram falados no decorrer dela. Por fim a TO veio chama-lo para ir pra casa, e ele  
 568 levantou disse: *até que foi legal a aula só com nos dois, tchau tia Duda até quinta-feira.*

569

570 **Dia 16 de novembro de 2017**

571 Ultimo encontro com os meninos, já estava com o coração apertado, mas não quis dizer  
 572 pra eles que era o ultimo dia da minha pesquisa desde o primeiro momento. Os meninos  
 573 chegaram um pouco atrasados e com gosto de gás, entraram na sala comentando que a TO  
 574 havia demorado a ir busca-los e por isso tinham se atrasado, R entrou na sala dizendo: bom  
 575 dia tia Duda, bom dia tio E, respondemos o bom dia e o restante da turma foi entrando e  
 576 dando bom dia também, quando vi que I tinha cortado o cabelo e elogiei, e ele já se animou  
 577 também, porque estava um pouco mais tímido, V já entra na sala me abraçando e dizendo que  
 578 estava com saudades, o coração fica mais derretido ainda, professor E logo faz a divisão dos  
 579 meninos e me deixa com R na maquina de braile e I com uma folha com palavras dissílabas e  
 580 trissílabas em braile pra fazer a leitura. Resolvi colocar os dois pra trabalharem juntos ao  
 581 invés de separa-los e executar duas coisas ao mesmo tempo, I vai ler a palavra e R escreve-la,  
 582 quando I tinha dificuldade em uma letra e R sabia, perguntava se podia dizer, e eu confirmava  
 583 que sim, e assim eles foram interagindo entre si, mas sempre me perguntando se realmente o  
 584 que eles disseram estava correto, quando nenhum dos dois sabia os pontos da letra eu dizia  
 585 qual era a letra, I lia a palavra e R perguntava quais eram os pontos, e eu dizia que não sabia e  
 586 pedi para I ler os pontos e informar para R, e eles adoravam ajudar uns aos outros, chegou a  
 587 hora do recreio, o lanche era macarrão com sardinha, quando ficou sabendo R disse que não  
 588 iria comer, fui auxiliar I pegar seu prato e pegar o de V que já estava no refeitório, sentamos  
 589 todos e I perguntou por que R não iria comer, ele disse que não gostava, depois disse que  
 590 nunca havia provado, perguntei se ele gostaria de experimentar e os meninos disseram junto,  
 591 experimenta R esta uma delícia, C deu sua colher pra ele, ele experimentou e gostou, e disse:  
 592 tia agora eu vou comer você pega pra mim? E eu: pego sim! E então ficaram os quatro  
 593 comendo, não demorou muito e os meninos terminaram de comer, V ainda estava comendo, C  
 594 e R levantaram e se direcionaram a sala de aula, chamaram I que tentou ir sozinho mas ele  
 595 desistiu no meio do caminho e resolveu voltar pois não se sente a vontade de andar sozinho  
 596 pelos corredores, R e C já andam rapidinho. ele voltou e disse:

597 *I: tia vamos logo para a sala.*

598 *Eu: Mas V ainda esta comendo, e precisamos espera-la.*

599 *I: Ah não V termina logo.*

600 *V: eu já estou terminando*

601 *Eu: você quer que eu te deixe la na sala com os meninos?*

602 *I: Não, eles vão fazer bagunça e colocar a culpa em mim. (sorrindo)*

603 *Eu e V: risos.*

604 Quando retornamos a sala R e I já haviam terminado suas atividades e o professor  
 605 perguntou o que eles gostariam de fazer naquele segundo momento, R queria ir para os jogos

606 de matemática no computador, já I queria continuar escrevendo na maquina de braille, C  
607 também queria brincar no computador e V como ainda estava com um pouco de dificuldade  
608 com as contagens no abaco continuou o exercício, R e C foram para a sala dos computadores  
609 e I e V ficaram comigo em outra sala. Continuei fazendo ditados para I e quando dava uma  
610 palavra soletrava as letras para V para que ela contasse quantas letras tinham naquela palavra,  
611 entregava os quadradinhos de unidades do material dourado e deixava ela contar. Os dois se  
612 deram muito bem juntos, apesar da grande diferença de níveis, I e V gostam de ficar mais  
613 tranquilos e concentrados, já R e C adoram uma diversão, fazem qualquer coisa para tornar a  
614 brincadeira mais divertida. Dei uma palavra para I e pedi para que ele soletrasse as letras para  
615 V, e auxiliasse ela na seleção dos quadradinhos referentes ao numero de letras, ele fazia a  
616 contagem mas, V não o acompanhava, ele não teve paciência, pegou os quadradinhos colocou  
617 próximo das mãos dela e disse:

618 I: agora conta.

619 V: ta bom.

620 I: conta devagar vai levando de uma mão para a outra.

621 V: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8...

622 I: V já acabaram as peças, porque você continua contando?

623 V: an? Não acabaram não.

624 I: e pq não tem mais aqui? (procurando as peças perto da mão direita de V)

625 V: A, acabaram sim.

626 I: conta de novo.

627 E então I pegou novamente as peças e pôs nas mãos de V, que ainda não consegue  
628 fazer a contagem como ele gostaria, mas ela se diverte bastante e todas as vezes que ele tenta  
629 ensina-la ela não hesita em refazer, e quando ela erra ele pega as peças conta e mostra pra ela  
630 quantas são, inúmeras são as gaitadas que ela da nesse processo, já ele logo perde a paciência  
631 e volta para o seu exercício mas logo chegou a TO, chamando-os para ir pra casa, ele foi se  
632 levantando da mesa e indo rumo à porta da sala, já V sempre faz uma cara de triste e começa a  
633 coçar os olhos quando chega a hora de ir embora, quando chegamos na porta R gritou da outra  
634 sala: tia vamos comigo ate o ônibus. E eu coloquei todos eles perto de mim e disse: a pesquisa  
635 da tia acabou, agora eu não venho mais todos os dias ver vocês, e eles quiseram saber o  
636 porquê e o que eu iria fazer agora, expliquei um pouco pra eles, R pediu o numero do meu  
637 telefone, V disse que iria ficar com saudades já com os olhos cheios de lagrimas, C e I me  
638 deram um abraço e já seguiram para o ônibus, R só ficou tranquilo quando eu disse que o meu  
639 o professor E tinha o meu contato e que ele poderia pegar com ele depois, ele foi em direção  
640 ao ônibus dizendo que me ligaria do celular do avô quando sentisse saudades.

641 Quando vi que os meninos tinham entrado no ônibus fui agradecer a coordenadora pelo apoio  
642 e me prontificar para qualquer ajuda que eles viessem a precisar, me despedi das meninas da  
643 cantina, da porteira e fui para casa já com muita saudade dos meus dias ali.



## Entrevista com o professor

1  
2 Entrevistado: Falando um pouco da historia do CEE, foi um centro especializado que  
3 foi inaugurado em 2004, final de 2004 mais ou menos, setembro por ai, e que nos fizemos  
4 inclusive uma programação em 2014 comemorando os dez anos, e a partir de 2005 ele  
5 começou a atuar, atendendo esses alunos com deficiência visual, seja cego ou baixa visão,  
6 inicialmente começou atendendo os alunos da rede municipal do ensino fundamental mas  
7 também do ensino médio, hoje isso já se ampliou, a gente atende pessoas também da  
8 comunidade, independente se esta matriculado na rede ou não, e também alunos de  
9 municípios circo vizinhos, como por exemplo agora nos atendemos um alunos de Ipixuna,  
10 mas o papel precípua do CEE é prestar esse apoio na modalidade complementar, não é  
11 suplementar mas é na modalidade complementar de atendimento educacional especializado  
12 um apoio pedagógico para esses alunos mas dentro da politica do AEE, porque a politica do  
13 AEE se dá ou em salas de recursos multifuncionais ou em centros especializados que é o caso  
14 do CEE, que já foi reconhecido inclusive pelo INEP como escola especializada para  
15 deficientes visuais, e aqui se faz o trabalho aliado ao da escola, muitas vezes as pessoas e a  
16 gente muitas vezes até acha que se faz um trabalho improprio, uma espécie de reforço, poruqe  
17 a gente vê que as demandas chegam da escola, e o déficit de aprendizagem é muito intenso, e  
18 a gente acaba fazendo essa espécie de reforço, mas em uma linguagem que o aluno possa  
19 entender, no caso, seja em modo apliado ou através da percepção tátil, ensino do braile ou  
20 informática adaptada, ai a gente tenta inserir também ai os conteúdos que é trabalhado na  
21 escola, até porque, é pra tentar conseguir falar a mesma língua vamos dizer entre a escola  
22 especializada que é o CEE e a escola comum, e além dessas aulas nos temos que trabalhar  
23 também o que nos chamamos de parte diversificada do currículo de um aluno com deficiência  
24 visual que é o ensino do braile, o ensino do soroba, noções de atividades de vida diária que é  
25 muito precário esse serviço, mas a gente tenta trabalhar alguma coisa e a gente também tem se  
26 engajado em ofertar formação na área da deficiência visual para docentes da rede municipal,  
27 então é nessa linha que a gente trabalha, e sem falar na produção de material que é uma coisa  
28 que requer muito tempo, disponibilidade de recurso, de espaço, a produção do material,  
29 sobretudo material em braile que é muito volumoso mas estamos trabalhando, e os alunos, a  
30 orientação, embora a gente possa atender aluno da comunidade que não esteja vinculado a  
31 rede mas a orientação precípua é que se não concluiu a educação básica tem que estar inserido  
32 na sala de aula, tem que estar matriculado no ensino comum, seja ensino fundamental ou  
33 ensino médio, e orientar né, orientamos todos os alunos, a mesmo que terminar o ensino

34 médio continuar estudando para ingressar em faculdades, sobretudo faculdades publicas. No  
35 caso dos meninos especificamente que nos estamos falando, do R e do I, eles estão aqui mais  
36 ou menos, desde 2010 mais ou menos, entre 2010 e 2011, e a gente tem acompanhado eles,  
37 tem acompanhado o processo de escolaridade deles, só que uma coisa que é sempre  
38 comprometido é o apoio escolar deles lá na sala comum, hoje esta difícil de falar a mesma  
39 língua por que assim, a escola não disponibiliza o professor, devido a sobrecarga do professor  
40 lá na sala de aula, por que em marabá nos ainda temos essa questão que a lei do piso não é  
41 respeitada e o professor se ele tem 40 horas semanais, são 40 horas semanais integradas em  
42 sala de aula, e aí esse professor não tem tempo de planejamento, muito menos tempo de  
43 visitar a escola especializada, do seu aluno com deficiência visual, então a formação  
44 continuada que a gente oferta, devido a disponibilidade de tempo também, nos não ofertamos  
45 assim de maneira permanente, não são coisas semestrais, tem época que o calendário escolar  
46 entra em crise que a gente não consegue oferecer nenhuma por ano, essa formação, um  
47 exemplo disso, ano passado não teve nenhuma formação, então hoje a educação básica tenta  
48 suprir essa necessidade do apoio do aluno com deficiência lá no ensino comum através dos  
49 estagiários mas é uma coisa ainda que eu diria muito rasa, é uma experiência que esta  
50 iniciando, que a formação desses estagiários é o que nos preocupa, porque eles não recebem  
51 uma formação aprofundada, de base, consistente pra poder ir pra sala de aula, eles topam  
52 porque é uma espécie de ocupação, uma oportunidade de ter contato com a sala de aula que  
53 eles são acadêmicos de licenciatura, principalmente da área da pedagogia e da letras, que é os  
54 que mais tem aparecido, mas isso sem muita estrutura e sem muita formação, e a gente vê o  
55 reflexo desse trabalho quando o próprio aluno chega e revela as condições de abandono que  
56 ele fica na sala de aula, recantiado, desassistido, e temos também enfrentado problema dos  
57 alunos aqui com ausência da família, só para você ter uma ideia teve situações dos dois  
58 meninos que nos estamos falando, ano passado pro exemplo, deles vim algumas vezes para o  
59 centro de apoio pedagógico e não ir para o ensino comum, e o gargalo era justamente essa  
60 questão que lá o sistema educacional municipal, a SEMED não disponibilizou os estagiários e  
61 os pais se negavam a mandar, e ficava aquele jogo de empurra e empurra, um jogando o  
62 problema para o outro e não se resolveu, e os alunos perderam o ano letivo, então isso é muito  
63 complicado e lamentável, por que são dois alunos que tem extrema facilidade para  
64 aprendizagem, tem uma serie de competências em desenvolvimento, são bons no processo de  
65 oralização, de escrita, de interpretação, estão desenvolvendo bem o ensino do braile, já estão  
66 se alfabetizando, estão na fase alfabética, já conseguem ler palavras, frases, nomes complexos  
67 não, mas frases mais simples, e palavras, já conseguem ler e entender, então assim, e

68 interagem muito, embora não atuem juntos no ensino comum, mas o R e o I aqui interagem  
69 bastante, e é uma coisa que eu não abro mão, eu sempre falei aqui quando se tenta organizar o  
70 roteiro do ônibus escolar que leva eles e que traz, é não deixar eles em dias diferentes aqui no  
71 CEE, então eles tem tido atendimento aqui, as aulas, no mesmo período no mesmo dia, e tem  
72 facilidade para orientação e mobilidade, não tem medo, não tem receio, são meninos que  
73 mesmo sem a bengala eles já conseguem se locomover, eu já ate fiz uma experiência inicial  
74 de orientação e mobilidade com o I em ambiente não escolar, fora daqui e correspondeu muito  
75 bem, o R eu aj sei dessas habilidades dele também de locomoção e de comunicação com as  
76 pessoas, então é muito triste você ver que enquanto esta sobrando vontade de aprender,  
77 enquanto ta sobrando na crianças competências em potencial, o sistema, nós, a família, a  
78 escola comum, o CEE, e o sistema sobretudo não conseguir assistir essa demanda desses  
79 alunos, isso é muito ruim por que a escola não é o único lugar que se possa aprender, mas eles  
80 vão precisar se desenvolver em muitos saberes, e transformar saberes em conhecimento, eo  
81 espaço mais adequado seria a escola, então a ganet precisa melhorar muito pq esse alunos  
82 aprendem num ritmo muito acelerado e a escola pode ficar desinteressante pra ele se a gente  
83 não conseguir trabalhar no mesmo ritmo deles.

84 Eu: quando você fala da questão de mantê-los juntos, com certeza é pela parte da  
85 interação que eles tem muito, quando eu estava aqui observei muito as ajudas que eles se dão,  
86 quando se fala de tecnologia o R sempre ajudando o I.

87 Entrevistado: é eles tem esse espirito colaborativo, e de curiosidade e digo que para te  
88 ser sincero, é como salve engano Einstein dizia, você tem que despertar essa questão de  
89 criatividade da criança, isso é muito mais importante do que o próprio, aquela apresentação,  
90 aquele termo popular que a gente fala de tentar ficar enfiando conteúdo, entendeu, por que  
91 assim eles tem muita criatividade, tem uma imaginação fantástica, e eles tem o espirito  
92 colaborativo e querem ajudar, por que também eles querem se firmar, se firmar como pessoas  
93 que conseguem fazer as coisas, que conseguem não só ser ajudados mas que conseguem  
94 ajudar, eu digo que a deficiência como o próprio Vygotsky falava, a deficiência visual ela não  
95 representa a personalidade da criança como equivocadamente a sociedade pensa, não, a  
96 deficiência ela cria, na verdade a deficiência visual ela cria mecanismos para que essa criança  
97 lute, supere os obstáculos, as barreiras que não estão nelas, não estão nas pessoas, esta na  
98 sociedade, as barreiras são sociais, a deficiência nada mais é do que uma representação social,  
99 como Vygotsky fala, o que o ser humano tem é um, o que ele chama de defeito, defecto, num  
100 estudo sobre defectologia é um defeito primário mas a deficiência em si como a sociedade

101 representa ele chama de deficiência secundária, é uma reprodução social, uma coisa que é  
102 criada fora, e muitas vezes, olha como é nocivo isso, muitas vezes o tratamento que a  
103 sociedade dá ha uma pessoa com deficiência li causa muito mais danos do que a própria  
104 deficiência, por isso que eu digo, as crianças cegas, elas nascem, e elas não se veem como  
105 deficiente, elas vão entender que tem alguma dificuldade que discursivamente é reproduzido  
106 como deficiência com o contato com os outros, que tem alguma limitação, que as pessoas tem  
107 experiências visuais, e ela não tem essas experiências captadas do campo visual, então ai ela  
108 vai ver que tem alguma incongruência mas enquanto não houver essa interação com o meio a  
109 criança com deficiência não tem noção de que é deficiente, como de fato Vygotsky fala, de  
110 fato ela não é, porque o defeito secundário que é a deficiência é uma produção social, que  
111 começa a ser reproduzido posteriormente, se produz e depois começa a ser reproduzido, então  
112 elas conseguem aprender não é pela mesma via de crianças que enxergam, por que tem o  
113 elemento da não visão, mas elas conseguem aprender por outras vias cognitivas, mas  
114 conseguem aprender, o que é problemático e nocivo, ai o tratamento que a sociedade dá, que a  
115 sociedade olha para esse individuo como uma pessoa que não consegue aprender ou consegue  
116 aprender minimamente, e não é isso, a pessoa com deficiencia visual ela também aprende, não  
117 pela mesma via de quem tem experiências visuais, mas ela também aprende, as suas funções  
118 psíquicas elementares e superiores são potencializadas e ela tem como aprender sim, uma  
119 coisa que a gente tem que desmistificar nessas crianças é a questão da compensação, o mito  
120 da compensação, ah porque é cega, porque nasceu cega ou porque ficou cega  
121 automaticamente os sentidos que se chamam remanescentes, se falam dessa maneira mas eu  
122 não concordo, automaticamente eles se potencializam, eles se enchem de sutileza, começa a  
123 se aguçar mais não é assim, o que de fato acontece, é uma compensação, o que deve acontecer  
124 é a compensação social de tentar superar as barreiras, porque as barreiras não estão nas  
125 pessoas, como eu já falei, a pessoa tem uma lesão, ela tem um defeito, defeito é o nome que o  
126 Vygotsky utilizava, por isso que eu estou falando defeito, mas ela tem uma lesão orgânica,  
127 que é o defeito primário que ele falava, mas as barreiras são sociais, e eu fico imaginando  
128 muitas vezes a criança não consegue aprender porque não se cria condições adequadas para  
129 que ela se desenvolva, mas dizer que o problema esta no cognitivo dela não esta, os meninos  
130 são prova disso, voce pode muitas vezes pensar que os alunos aqui como I e R se eles não  
131 tiverem uma bengala eles não vão sair de casa, e não é dessa maneira, e a gente apresenta  
132 insere na metodologia a utilização do uso da bengala porque a gente ve que é fundamental que  
133 é importante, não vai resolver tudo mas vai ajudar muito, mas eles em si, eles não tem essa  
134 carência.

135 Eu: Eu percebi que o R vai sozinho para o banheiro e sem bengala, vai contando as  
136 portas.

137 Entrevistado: é eles tem muita habilidade, um equipamento, uma mídia, qualquer  
138 mídia, um aparelho eletrônico, através da sua percepção tátil ele aprende ate mais rápido do  
139 que quem aprenderia pela via da experiência visual, entendeu, ele tem demonstrado isso e no  
140 que se fala de oralização, comunicação pela via oral eles não deixam nada a desejar, são  
141 totalmente autônomos e utilizam o tato, a audição com muito equilíbrio e com muita  
142 habilidade.

143 Eu: se eles tivessem sendo assistidos de maneira oportuna na escola eles já tinham  
144 caminhado bastante né professor.

145 Entrevistado: Sim, eu estou a 10 anos fazendo esse trabalho aqui, 11 anos, mas eu me  
146 frustrro porque assim, a gente tem que fugir do espetaculismo, muitas pessoas hoje acham que  
147 o CEE, quem esta ai fora pensa que o CEE faz um trabalho mirabolante, espetacular mas  
148 assim, nos temos muita dificuldade nos temos que melhorar muito, eu sempre digo, o aluno  
149 não veio a família não ligou, a gente não sabe o que que aconteceu la no ensino comum, a  
150 criança deficiente visual jamais pode ser o único elo, ou seja, o único ponto de ligação, o  
151 único ponto de contato entre o CEE e a escola, entre o CEE e a família e isso ta acontecendo,  
152 e quando acontece! Se acontecesse a contento a criança sendo o único ponto de contato entre  
153 o CEE e a escola ou o CEE e a família e já era problemático, ainda mais que nem assim esta  
154 acontecendo, a gente não sabe o que se passa em casa muitas vezes porque assim, foi-se o  
155 tempo que um centro especializado desse funcionava só com os professores dando aula, tem  
156 que ter o assistente social, tem que ter o amparo, o acompanhamento, tem que ter o  
157 encaminhamento para a rede de saúde, trabalhar com a educação especial, não que seja  
158 determinante a questão da saúde, eu não estou falando para diagnosticar SID<sup>6</sup> ir atrás de SID,  
159 não, não é isso, mas eu estou falando para as avaliações periódicas, porque tem os que estão  
160 perdendo a visão progressivamente sente dores de cabeça, sente tontura e tudo isso é visto  
161 como desinteresse preguiça, tem o trauma de estar perdendo a visão, ou a criança é cega e  
162 muitas vezes como eu falei ela não nasce percebendo que tem nenhuma lesão mas ai no  
163 contato com a experiência do meio, com o meio, ela vai percebendo essas lacunas e isso vai  
164 gerando um desequilíbrio emocional, como a gente tem deixado de lado a questão emocional,  
165 e trabalhado só as questões que eu diria simbólicas que é a questão do cognitivo, do intelecto,

---

<sup>6</sup> Classificação internacional da doença.

166 da criatividade do aluno e esquece a questão emocional, geralmente quando você fala de  
167 problemas de aprendizagem, você pode ver que ou é problema de estrutura, de política  
168 publica, ou é problema de déficit cognitivo, alguma coisa relacionada ao intelecto ou a má  
169 formação do professor, eu não vou dizer que isso não gera problemas de aprendizagem, tudo  
170 bem, gera também, mas a gente deixa a questão do afetivo e foca no simbólico, foca na  
171 questão da inteligência do cognitivo que é o simbólico e esquece o afetivo ai o professor é  
172 visto como um mero mediador, um agente frio que não se envolve com os alunos porque ter  
173 contato todo dia não é se envolver, ter experiência não é vivencia.

174 Eu: Eu percebi muita afetividade aqui no CEE, eles são muito apegados a vocês, as  
175 meninas do ônibus.

176 Entrevistado: isso eles tem aflorado, eles tem isso muito aflorado, agora imagine se  
177 isso tudo fosse ignorado, e eu te digo muitas vezes é ignorado, e quando você despreza a parte  
178 afetiva a criança também se desinteressa, eu digo assim se fecha, e você não consegue  
179 entender o que se passa na questão subjetiva, na subjetividade, você olha só para as coisas  
180 muito objetivas para as relações diretas objetivas, tem que estar na aula, tem que ir para a  
181 merenda, tem que fazer atividade, não fez a atividade, a atividade tem que fazer, e a questão  
182 afetiva vai, o tempo que tem que ser respeitado para a criança é só o tempo de relógio ou um  
183 tempo a mais, isso não é tempo social, observar a subjetividade é observar o tempo social,  
184 como ela faz as coisas como ela se sente, e ver também o lugar social de onde essa criança  
185 fala, porque quando ela vem pra cá ela traz uma carga de experiência de mundo, e muitos  
186 trazem a linguagem da periferia, as relações que se dá na periferia não é no centro da cidade, e  
187 você não pode desprezar tudo isso é dizer que a relação tem que ser a hegemônica a que é  
188 propaganda pela mídia pela sociedade tradicional consumidora eu não to aqui pra formar  
189 consumidores, eu não estou aqui para formar ninguém mas eu não estou aqui para dialogar  
190 com consumidores, eu tenho que estabelecer meu diálogo com um sujeito que é dotado de  
191 uma experiência simbólica mas sim de uma experiência afetiva e emocional também, e como  
192 é complicado você fazer, cuidar de tudo isso sem outros profissionais que pudessem ajudar,  
193 em um centro especializado desse tinha que ter um assistente social como eu falei e em alguns  
194 casos, não vou dizer todos mas tinha que ter até o psicólogo, nós temos alunos aqui que  
195 sentem uma indisposição danada porque precisa fazer uma fisioterapia e não consegue fazer  
196 essa fisioterapia, não é o caso dos meninos que nós estamos falando mas eles têm carências,  
197 carências de lazer fora do CEE a gente percebe que os fins de semana deles são extremamente  
198 desinteressantes, monótonos, e eles querem ganhar o mundo.

199 Eu: eles ficam super animados nas aulas de orientação e mobilidade.

200 Entrevistado: sim, porque saem desse aquário chamado escola, vamos dizer assim, e  
201 vai dialogar com pessoas, ter outro contato.

202 Eu: interagir com o meio né.

203 Entrevistado: sim, interagir, conhecer, e tem experiências fantásticas e que não são  
204 valorizadas muitas vezes, a escola quer saber de enfiar o conteúdo, a sociedade tradicional e  
205 mercadológica ela quer ver o aluno lendo o braille e usando o computador, mas tudo visando  
206 a questão do trabalho de se profissionalizar dentro tudo de uma axiologia instrumental, que é  
207 o que nós estamos vivendo, então eu digo assim, nós precisamos fugir dessa coisa  
208 espetaculosa, de um mundo de aparência e viver a realidade é saber que o centro tem que  
209 melhorar muito porque as crianças tem muitas competências embutas habilidades sociais  
210 delas não estão sendo estimuladas, não estão se desenvolvendo.

211 Eu: o I e o R nasceram cegos?

212 Entrevistado: Sim, pelo histórico que nos conhecemos, um já está com 10 e o outro já  
213 vai para 11 anos salve engano e já nasceram cegos.

214 Eu: eles trabalham justos desde que iniciaram no CEE?

215 Entrevistado: não, teve época que um vinha pela manhã e o outro à tarde, já teve  
216 épocas assim, mas principalmente quando eles foram para a escola comum eu comecei a  
217 exigir, eles só não estudam numa escola comum na mesma escola porque eles moram em  
218 bairro diferente, bairros distantes, bairros periféricos e distantes um do outro e ele tem que se  
219 inserir na sua comunidade, não é porque são cegos que tem que estar na mesma escola, agora  
220 quando eu falo que aqui eu prefiro eles juntos é pq eles tem uma relação de diálogo, de  
221 afetividade, de espírito colaborativo, de aprender junto, uma relação muito grande, muito  
222 interessante e com isso a gente vai trabalhando junto e facilita até a relação dele com os outros  
223 colegas também porque eles acabam virando uma referência né, eles são pessoas que  
224 desenvolvem muito bem a autonomia, a gente sabe que tem a carência né, do apoio familiar  
225 por que enfim dificilmente a gente dialoga com a família, não é direto, não é constante como  
226 deveria porque terminou o horário de atendimento, das aulas deles aí tem os outros, aí é uma  
227 correria mas enquanto eu poder fazer com que eles interajam com que eles estudem aprendam  
228 juntos eu vou fazer.

## QUADRO ANALÍTICO

INTERAÇÃO		
Categorias	Trecho Analisados	Base Teórica
Zona de Desenvolvimento Proximal	<p><i>R: Duda como é mesmo a letra M.</i>  <i>I: Mas eu não sei escrever meu nome tia.</i>  <i>Eu: nos te ajudamos, né R?</i>  <i>R: é I, a gente te ajuda.</i>  <i>I: R, a letra M é ponto 1, ponto 3 e ponto 4, né tia ?</i>  <i>Eu: deixa a tia ver aqui, porque a tia não tem certeza.</i>  <i>R: Eita Duda, (risos) ele ta certo?</i>  <i>Eu: esta sim,(palmas) muito bem I, viu como a gente vai se ajudando, e eu vou aprendendo com vocês.</i>  <i>I: então como é a letra I tia?</i>  <i>R: Não fala Duda, não fala, eu vou fazer pra ele.</i>  <i>Eu: Não R, ao invés de você fazer pra ele, diga pra ele os pontos.</i>  <i>R: então tá, é ponto 2 e ponto 4, né Duda?(DC, l. 187-199)</i></p>	<p>Ela é a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (Vigotski, 2003. p, 112)</p> <p>A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. (Vigotski, 2003. p, 113)</p>
	R mexe no teclado e não consegue mudar de jogo, tenta mais uma vez e não consegue novamente. Ele me chama e pede para que eu coloque para eles o jogo,(DC, l. 395-397)	
	[...] Os meninos voltam para o jogo e se divertem pra caramba, muita coisa eles não sabem decifrar, e outras eles não sabem escrever o nome e pedem o meu auxilio.(DC, l. 419-420)	
	quando os meninos não lembravam como se escrevia uma letra eles me perguntavam e eu respondia ou eles mesmos ensinavam um ao outro, na verdade na maioria das vezes eles mesmos respondiam ao outro,(DC, l. 458-460)	
	ele tinha uma pequena dificuldade no reconhecimento de algumas letras, mas quando descobria a letra a formação das silabas e palavras	



	<p>se davam em um segundo.(DC, l. 562-564)</p> <p>I vai ler a palavra e R escreve-la, quando I tinha dificuldade em uma letra e R sabia, perguntava se podia dizer,[...] I vai ler a palavra e R escreve-la, quando I tinha dificuldade em uma letra e R sabia, perguntava se podia dizer(DC, l. 588-592)</p>	
<p>Superação De Obstáculos.</p>	<p>I não gosta de andar sem o auxílio de alguém, os meninos continuam chamando, gritando da porta da brinquedoteca e batendo palma para que I chegue até eles, ele resolve levantar e ir devagar segurando nas paredes e seguindo a palma dos meninos, a brinquedoteca é bem próxima da mesa da cantina em que eles estavam comendo, quando I entra na brinquedoteca R fecha a porta, e eles começam a brincar e gritar,[...](DC, l. 83-88)</p> <p>I se mostra mais cauteloso quanto ao percurso,[...] peço permissão para I para abrir a sua bolsa e pegar a sua bengala, para que ele pudesse andar sozinho também, sem ter que segurar no meu braço, ele logo responde: ah não tia. Mas quando coloco a bengala na mão dele, ele consegue andar pela escola com mais confiança e sem o meu apoio.(DC, l. 133-137)</p> <p>R vai logo se levantando e pegando as maquinas para colocar em cima da mesa nos lugares onde ele e I estão sentados, e pegando os papéis, ele me diz logo que não precisa eu colocar que ele já aprendeu e quer colocar sozinho, (DC, l. 451-454)</p> <p>[...]parei pra beber agua com V e I seguiu sozinho, foi a primeira vez que eu vi ele ir sozinho para a sala, mas R estava na porta falando alto e ele estava indo pela localização da voz dele.(DC, l. 480-482)</p> <p>C e R levantaram e se direcionaram a sala de aula, chamaram I que tentou ir sozinho mas ele desistiu no meio do caminho e resolveu voltar. (DC, l. 600-602)</p>	<p>O desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar. Se as dificuldades organizadas por nós obrigam a criança a corrigir seu comportamento, a pensar antes de agir, a tomar consciência em palavras, como diz Claparède, então acontece a situação mencionada (Vigotski 2011, p. 866).</p>

Compensação	<p>I não gosta de andar sem o auxílio de alguém, os meninos continuam chamando, gritando da porta da brinquedoteca e batendo palma para que I chegue até eles,[...](DC, l. 77-79)</p>	<p>As vias alternativas de desenvolvimento na presença da deficiência seguem a direção da compensação social das limitações orgânicas e funcionais impostas por essa condição. Cumpre ressaltar, contudo, que não se trata de afirmar que uma função psicológica compense outra prejudicada ou que a limitação numa parte do organismo resulte na hipertrofia de outra. A compensação social a que se refere Vigotski consiste, sobretudo, numa reação do sujeito diante da deficiência, no sentido de superar as limitações com base em instrumentos artificiais, como a mediação simbólica. Por isso, sua concepção instiga a educação a criar oportunidades para que a compensação social efetivamente se realize de modo planejado e objetivo, promovendo o processo de apropriação cultural por parte do educando com deficiência. (Nuernberg, 2008. p. 309)</p> <p>Vigotski nega a noção de compensação biológica do tato e da audição em função da cegueira e coloca o processo de compensação social centrado na capacidade da linguagem de superar as limitações produzidas pela impossibilidade de acesso direto à experiência visual. (Nuernberg, 2008. p. 311)</p>
	<p><i>É pequeno né Duda, eu sempre te abraço e não sinto ele.</i>(DC, l. 216)</p>	
	<p>No meio das operações I percebeu a chuva,(DC, l. 298)</p>	
	<p>R pediu pra que eu chegasse perto dele, quando encostei ele tocou na chave que estava pendurada na minha cintura e disse: eita tia Duda agora você vai na chuva de moto.(D, l. 299-300)</p>	

